

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

# DESCOBRIR-SE AUTOR

**Crônicas**

*para gostar de escrever*



SÃO PAULO - 2019

**PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

**Bruno Covas**

*Prefeito*

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME**

**Bruno Caetano**

*Secretário Municipal de Educação*

**Daniel Funcia de Bonis**

*Secretário Adjunto de Educação*

**Pedro Rubez Jeha**

*Chefe de Gabinete*

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

# DESCOBRIR-SE AUTOR

**Crônicas**

*para gostar de escrever*

São Paulo - 2019



### **COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED**

Minéa Paschoaleto Fratelli - Coordenadora

### **NÚCLEO TÉCNICO de CURRÍCULO - NTC**

Wagner Barbosa de Lima Palanch - Diretor

#### **EQUIPETÉCNICA - NTC**

Carlos Alberto Mendes de Lima

Claudia Abrahão Hamada

Clodoaldo Gomes Alencar Junior

Márcia Andréa Bonifácio da Costa Oliveira

Maria Selma Oliveira Maia

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Mariângela Nascimento Akepeu

Mônica de Fátima Laratta Vasconcelos

Nágila Euclides da Silva Polido

Patrícia Ferreira da Silva

Regina Célia Fortuna Broti Gavassa

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Silvio Luiz Caetano

Sueli Aparecida Vaz

Tânia Tadeu

Viviane Aparecida Costa

### **NÚCLEO SALA E ESPAÇO DE LEITURA**

Edileusa Andrade de Carvalho Araújo Costa

Maria Selma Oliveira Maia

Nágila Euclides da Silva Polido

### **ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL**

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Sueli Aparecida Vaz

### **PROJETO EDITORIAL**

#### **CENTRO DE MULTIMEIOS - CM**

Magaly Ivanov - Coordenadora

#### **BIBLIOTECA PEDAGÓGICA**

Roberta Cristina Torres da Silva - Revisão Textual

#### **NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE**

Ana Rita da Costa - Projeto Gráfico

Angélica Dадario - Capa, Editoração e Ilustração

Cassiana Paula Cominato - Editoração Fernanda

Gomes Pacelli - Ilustrações

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Descobrir-se autor : crônicas para gostar de escrever. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

136p.

ISBN 978-85-8379-129-4 (impresso)

ISBN 978-85-8379-128-7 (digital)

Volume I resultante da 8ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1.Crônicas brasileiras 2.Escolas municipais I.Título

CDD 869.94



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Código da Memória Documental: SME44/2019

Disponível também em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>

# Caro(a) leitor(a),

## Descobrir-se autor chega à 4ª edição!

A Secretaria Municipal de Educação possui uma rica trajetória de ações de incentivo à leitura. Nas escolas municipais, os livros e a leitura são articuladores de uma vasta gama de práticas e projetos, pois são reconhecidos como imprescindíveis para a formação de cidadãos que possam construir uma sociedade pautada nos princípios de respeito e de equidade.

A criação da Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura potencializa, por meio da Lei nº 14.999/2009, de autoria do vereador Eliseu Gabriel, inúmeras ações já concretizadas nas escolas e amplia o debate sobre o incentivo ao estudo e à leitura para bibliotecas e outros centros culturais da cidade. Realizado anualmente na segunda semana de abril, o evento congrega várias iniciativas relevantes: palestras, exposições temáticas, concursos, simpósios, atividades lúdicas, apresentações no palco, mesas de debates e publicações, tendo como protagonistas destas e de outras ações correlatas os estudantes da Rede Municipal de Ensino.

A Secretaria Municipal de Educação, por ocasião da Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, promove a publicação do Livro “Descobrir-se Autor”, escrito por estudantes participantes do projeto “Academia Estudantil de Letras (AEL)”, que se configura em espaço privilegiado de fomento à leitura e à produção de textos, desenvolvido nas escolas municipais de Ensino Fundamental e Médio.

Nesta 4ª edição, o livro “Descobrir-se Autor: Crônicas para gostar de escrever” representa a produção de 740 estudantes de escolas pertencentes às 13 Diretorias Regionais de Educação. A obra é constituída por uma coletânea de 57 crônicas, elaboradas coletivamente, contemplando os temas: Bichos, Esportes, Família, Recreio, Viagens e Outras Crônicas para Encantar, Entreter e Refletir.

As características próprias do gênero, tais como: leveza da linguagem, foco no cotidiano e natureza literária do texto permearam o processo de construção do livro e estão presentes nas narrativas imaginadas ou adaptadas das experiências vivenciadas pelos autores.

As páginas a seguir expressam o empenho de todos que contribuíram para a realização da 8ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, em especial, registramos nosso agradecimento aos estudantes, professores e gestores das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo pelo envolvimento e pela qualidade da obra produzida.

Esperamos que apreciem a leitura e que esta sirva de inspiração para que haja cada vez mais leitores e produtores de textos dentro e fora da nossa Rede.

**Bruno Caetano**

*Secretário Municipal de Educação*



## Sumário

■ Família .....	7
■ Esportes .....	31
■ Bichos .....	39
■ Viagens .....	57
■ Recreio .....	91
■ Outras crônicas para encantar, entreter e refletir .....	117



**Família**



# Amizade entre irmãos

Minha irmã e eu temos um segredo para a boa convivência entre nós: ela fica de um lado da casa e eu do outro.

Nós dois dividimos tudo e ela fica muito brava com isso, principalmente nas vezes em que eu confundo a cor da escova de dentes e uso a dela; sempre que isso acontece – são várias as vezes – ela tenta me bater. Assim me defendo:

– Você não precisa ficar brava, afinal a mãe sempre diz que a gente tem que dividir as coisas!

Muitas vezes, nós brigamos para ver de quem vai ser o último pedaço de carne. Na maioria das vezes, fica com ela, porque eu sou muito generoso (mentira, na maioria das vezes, minha mãe acha que eu estou errado por alguma coisa, e minha irmã é quem acaba ficando com o último pedaço de carne).

Nós também não somos de brigar muito, tirando todas as vezes que saímos no soco, mas, além de tudo, eu sempre posso contar com ela, porque, como diz minha mãe:

“Irmão é pra essas coisas.”

## Estudantes autores:

9º ano

Eduardo Gouvea Lemes, 14 anos

Levy dos Santos Laurindo, 14 anos

Luiz Fellipy Torres Calvo Candido, 14 anos

EMEF Lourenço Filho

AEL: Ilan Brenman

Coordenador(a) de estudos literários: Newci Sanches Prado

Coordenador(a) das atividades de teatro: Regimara Afonso de Oliveira

Degilio Mufalo

DRE: Jaçaná / Tremembé

## Brincadeira de verdade

Brincadeiras corriqueiras como esconde-esconde, pega-pega, futebol e queimada sempre foram as preferidas de crianças em certo bairro de São Paulo, porém, por precaução, seus pais e responsáveis proibiram que ficassem na rua após às dez horas, por considerar perigoso. Dessa maneira, a diversão deveria começar imediatamente após o encerramento das aulas. Esta foi a condição combinada.

Certo dia, entretanto, a brincadeira de esconde-esconde passou um pouco do horário estipulado e o grupo percebeu, de repente, um carro rodeando aquela região sem parar, mas continuaram a brincar, embora, um pouco apreensivos.

Um homem encapuzado, e inquieto, desceu do automóvel e as crianças observaram-no de seus esconderijos. Aquela situação causava estranheza ao grupo e então, sem perceber, a maioria ajuntou-se no mesmo local, para se sentirem mais seguros, menos uma garota que continuava brincando, indiferente à preocupação que as outras crianças começavam a sentir com relação à presença do desconhecido:

– Acusados todos no mesmo lugar! Achei vocês todos de uma vez só! – surpreendeu os amigos, assustando-os.

Todos começaram a gritar, inclusive a própria garota que acabara de proferir as palavras, pois o alvoroço foi tão intenso, que eles ficaram irrequietos.

O homem, ao perceber aquilo, começou a se aproximar, mas a garotada saiu correndo em direção à praça mais próxima.

Quando se agruparam na praça, estavam com a respiração bem ofegante, contudo, viram que não adiantou tanto, porque o homem já estava retirando o capuz, próximo a eles, quando ouviram a voz da mãe de uma das crianças:

– Graças a Deus! Encontramos vocês! Olha a cara de desespero do seu tio, Lohanna...

Na verdade, aquele rapaz estranho era o tio de uma das crianças “perdidas”, e que estava disfarçado, para ajudar a procurá-las.

Todos começaram a rir, afinal, uma brincadeira tão divertida como o esconde-esconde fez com que agissem como verdadeiros detetives, utilizando a cooperação para se salvar de um possível problema, porém, no final, eles é que estavam sendo procurados pela família.

**Estudantes autores:**

**5º ano**

Geovanna do Nascimento Martins, 10 anos

**7º ano**

Eduarda de Andrade Dias, 12 anos

Gabriel Barbosa Camilo, 12 anos

Mikaell Pereira dos Santos, 12 anos

**8º ano**

Amanda Bispo França Batista, 13 anos

Gustavo Barbosa Roque, 13 anos

Júlia Silva de Oliveira, 13 anos

Otávio Freitas de Souza, 15 anos

Pablo Alejandro Uriarte de Oliveira, 13 anos

**9º ano**

Jamily de Castro Siqueira, 14 anos

EMEF Pedro Teixeira

**AEL:** Rodrigo Ciríaco

**Coordenador(a) de estudos literários:** Luciana Rodrigues Zampiere

**Coordenador(a) das atividades de teatro:** Rafael Silva Matias

**DRE:** São Miguel

## **Bullying ou bule?**

Tudo começou quando Miguel chegou em casa desesperado, à procura de sua mãe. Quando, enfim, entra em casa, encontra a família toda reunida na sala. Ele, então, chama a mãe de lado e cochicha em seu ouvido:

– Mãe, preciso conversar urgente com a senhora, sobre um assunto que aconteceu na escola.

– O que aconteceu, Miguel? Vamos até ao quarto. - responde a mãe, aflita.

O pai e a prima, que estavam conversando, ficaram curiosos e foram ouvir a conversa atrás da porta.

Miguel começa a falar sem parar:

– Praticaram *bullying* em mim.

E a mãe interrompe:

– Que tipo de bule, Miguel? Me conta tudo. Por acaso pediram para você servir café para os professores, no bule?

Nesse momento, a porta se abre e o pai e a prima caem ao chão.

– O que vocês estão fazendo aqui, não estão vendo que a conversa é particular?

Ou melhor, ouvindo? - a mãe gritou, nervosa com os dois.

– Ficamos curiosos e viemos escutar a conversa. – justificou o pai, com um sorriso sem graça.

Enquanto isso, a prima, sem nenhum constrangimento, dispara:

– Sério que fizeram bule em você? Mas que tipo de bule? Passada!

O pai, atrapalhado, porque não tinha ouvido direito, grita, bravo:

– Jogaram o bule em você? O bule era de quê? Vou à escola agora! Eles pensam o quê? Que, por acaso, você não tem família?

– Era de ferro, de plástico ou de porcelana? Você se machucou?

– E onde estava a professora? – desespera-se a mãe.

Miguel, meio espantado e nervoso com toda aquela confusão, cai na gargalhada.

E todos perguntaram:

– Por que você está rindo?

O menino segura o riso, respira fundo e explica:

– Gente... Não era de ferro nem de plástico. Na verdade não tem bule algum.

– Não??? – indagam.

É o seguinte:

– O David, um menino chato da minha turma ficou me enchendo o saco durante a aula toda, falando alto para toda sala ouvir que eu tenho quatro olhos e orelhas de Dumbo.

Todos arregalaram os olhos, espantados, e começaram a rir, sem parar:

– AHHH, você sofreu *bullying!* – falou o pai.

– Sim, e foi muito chato, não estou entendendo a graça. – resmungou Miguel.

– Filho, não rimos de sua dor, e sim, da confusão que criamos. Pensamos que era um bule de café – explica a mãe.

– Amanhã iremos à escola conversar sobre esta situação, muito sem graça, por sinal. *Bullying* é coisa séria. Vamos resolver isto, juntos! – finaliza a mãe.

Estudantes autores:

5º ano

Ana Clara Aires de Albuquerque de Almeida, 10 anos  
 Bianca da Silva Fonseca, 11 anos  
 Bianca Santos Alves, 10 anos  
 Fátima Maendo da Silva, 10 anos  
 Hanna Thayala Conrado de Brito, 10 anos  
 Júlia Santos Oliveira, 11 anos  
 Kesia Camili de Faria Silva, 10 anos  
 Luana Vitória Silva Rodrigues, 10 anos  
 Nathiely da Silva Melo, 10 anos  
 Nathálya Araújo Costa, 10 anos  
 Nathália Fernandes Faustino dos Santos, 11 anos  
 Virginia de Jesus Viana, 10 anos

6º ano

Agatha Tais Santana dos Santos, 11 anos  
 Maryane de Araújo Sousa, 11 anos  
 Mirella Fernanda Rodrigues Amorim, 11 anos  
 Otávio Augusto Alfenas de Jesus, 11 anos

7º ano

Aline da Silva, 12 anos  
 Guilherme Marcelino da Silva, 12 anos  
 Iago Alves Santos, 13 anos  
 Matheus Gabriel Soares de Lima, 13 anos  
 Thayna Kauany da Silva Santos, 12 anos

8º ano

Gabriel Oliveira Araújo, 13 anos

9º ano

Jennifer Souza Silva, 14 anos  
 Kethelyn Julia Gomes Rosa, 14 anos  
 Maysa Soares dos Santos, 14 anos  
 Stephany Aparecida de Jesus Viana, 14 anos  
 Thauany Galdino dos Santos, 14 anos

EMEF Professora Cecília Moraes de Vasconcelos

AEL: Graciliano Ramos

Coordenador(a) de estudos literários: Lucineide Vieira da Silva Cipoli e Simone Idy Paredes

Coordenador(a) das atividades de teatro: Egle Anny Sousa

DRE: Freguesia / Brasilândia

# Família

No dicionário designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e que vivem na mesma casa, formando um lar. Uma família tradicional é normalmente constituída pelo pai e pela mãe, unidos por matrimônio ou união de fato e, por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar.

Existem, atualmente, vários tipos de famílias. São tantas as famílias, que nos fazem refletir sobre quanto e como estamos vivendo em uma sociedade diferente da de antigamente.



Temos, primeiramente, a nossa família biológica, às vezes adotiva, mas temos também outro tipo de família, a que escolhemos: por exemplo, a nossa família da escola. Descobrimos que, na sala de aula, nós não somos somente colegas, mas também fazemos parte de uma família: ajudamos ao outro e este, automaticamente, acaba nos ajudando também.

Na nossa família AEL, aprendemos a não julgar, e sim, a respeitar os colegas. Quando vamos apresentar uma peça de teatro, por exemplo, se alguém se esquece da sua fala ou fica nervoso(a) ao entrar no palco, a gente colabora com nosso membro familiar, às vezes entrando no lugar dele, às vezes dando força, mostrando que estamos juntos, pois somos uma família.

Sentimos que a família AEL é diferente das outras famílias, pois, além dos ensinamentos que recebemos com a literatura e com o teatro, entendemos que os valores das conquistas e os laços de amizade são eternos. Nos encontros com nossos colegas, compartilhamos anseios, alegrias e também tristezas: quantas vezes nos emocionamos com os nossos amigos e sentimos o quanto isso nos fortalece como pessoas!

Compartilhando a vida e as histórias dos autores – nossos amigos literários – vivenciamos que a amizade e os laços familiares são construídos diariamente.

**Estudantes autores:**

**4º ano**

Isabelly Genuíno Simões, 12 anos  
 Maria Eduarda Felix de Lima, 10 anos

**5º ano**

Eloisa Rosa de Jesus Pereira, 10 anos  
 Hevilly da Silva Ribeiro, 11 anos  
 Leticia Fernandes Soares da Rocha, 10 anos  
 Nicolas Oliveira Santos Farias, 11 anos

**6º ano**

Ana Júlia Dias dos Santos, 12 anos  
 Hemilly Bianca Rodrigues do Nascimento, 12 anos  
 Ilana Rodrigues Moreno, 11 anos  
 Pablo Cauã Alves dos Santo, 11 anos  
 Samara Manuela Oliveira dos Santos, 12 anos  
 Steffany de Moura Silva, 11 anos  
 Wesley Brandão Moreira, 12 anos

**7º ano**

Ariane Stefany Dias de Almeida, 13 anos  
 Isabelly Santos Reis, 13 anos  
 Maria Eduarda Barbosa Ferreira, 13 anos  
 Mayke Silva Souza, 13 anos  
 Nayla Caroline da Conceição Senna, 13 anos  
 Nicolly Gomes Vieira da Silva, 13 anos

**8º ano**

Ana Beatriz Rodrigues do Nascimento, 13 anos  
 Angela Rosio Llusco Quiespe, 14 anos  
 Maria Luiza Mendes da Silva, 14 anos  
 Mayara dos Santos Bezerra, 14 anos  
 Monica Karolaine Almeida Silva, 14 anos  
 Vitoria do Nascimento Barbosa, 13 anos  
 Yasmin Rodrigues, 15 anos  
 Yasmin Alves dos Santos, 14 anos

**9º ano**

Kauan Pereira de Jesus Correa, 14 anos

EMEF Julio de Grammont

AEL: Mauricio de Sousa

Coordenador(a) de estudos literários: Andreia Santana

Coordenador(a) das atividades de teatro: Sandra de Melo Silva

DRE: São Mateus

# Carro Antigo azul

Era uma tarde bem calorenta e João estava em casa com o seu primo Mateus. Tentava relaxar, depois de um dia inteiro de provas na escola.

João estava grudado no jogo de videogame na sala da casa, e seu primo arrumava as bicicletas na garagem.

Não sei se conhecem a “Brincadeira do Carro Antigo”, cuja regra é a seguinte: quando você avista um carro antigo, de qualquer cor, o primeiro que vê tem que dar uma “tapinha” no concorrente, dizendo, em voz alta, o nome da cor do carro que viu; ganha quem avistar o maior número de carros antigos, o que não é fácil, pois deixou de ser comum encontrar carros antigos pelas ruas, nos dias de hoje.

Os meninos estavam numa disputa acirrada, quando Mateus, já um pouco entediado, gritou lá da garagem:

- João! João! Vamos andar de bicicleta?
- Não! Faz mais de três dias que eu não jogo...

Mateus, insatisfeito com a recusa do primo, correu até a sala e tentou, a todo custo, convencer João a aceitar o seu convite, pois queria muito andar de bicicleta.

Depois de várias tentativas, acabou arrastando-o pelos pés até a garagem, numa forma de brincadeira também.

A mãe do João, vendo aquela cena, advertiu:

– Olhem, vocês vão acabar se machucando! E não quero choro! Os dois vão terminar apanhando... Cuidado!

Mesmo assim, João continuava tentando fugir de seu primo, que logo o alcançava e o prendia novamente pela cintura.

De repente, passou pela rua um carro antigo azul e, como Mateus estava perdendo na brincadeira, não pensou duas vezes: no intuito de dar um “tapinha” no rosto de João, acabou por acertar, sem querer, um murro bem na boca do menino, que ainda gritou:

– CARRO ANTIGO AZUL!!!!!!!!!!!!!! – e viu o seu dente voar longe...

Naquele momento, o desespero tomou conta de Mateus que, imediatamente, tapou a boca do primo, que sangrava muito. Ele chorava, inconsolável, sem o dente.

Mateus, então, levou-o ao banheiro, e o preveniu:

– Fique quieto! Pare com esse choro, senão nós dois vamos levar bronca! Lave depressa a sua boca, que tive uma ideia. E saiu do banheiro, deixando João lá, com muita dor, mas com muito mais medo da mãe, porque a “bronca” dela ele conhecia muito bem e sabia que seria dez vezes mais difícil suportar do que a dor que estava sentindo, agora, sem o dente.

Não demorou muito e Mateus entrou no banheiro com a solução mágica: colou o dente do primo com cola permanente. Lógico que ficou torto, mas, naquele momento, acharam a ideia genial.

Porém, surgiu mais um “probleminha”: na hora em que Mateus colou o dente de João, colou junto, sem querer, o seu próprio dedo dentro da boca do primo...

Não houve jeito. A mãe de João acabou por estranhar aquela movimentação no banheiro (parece que ela tem faro para descobrir travessuras!).

“O que estaria acontecendo com os dois meninos trancados no banheiro?” – suspeitou e foi investigar.

O pavor tomou conta dos meninos.

Ouviram um monte ali mesmo, no banheiro, juntinhos e... grudadinhos.

#### Estudantes autores:

##### 4º ano

Ana Flavia Almeida Batista, 9 anos  
 Anne Chrystine Barbosa, 9 anos  
 Guilherme Oliveira Lombardi, 9 anos  
 Julia Monike Marques de Oliveira, 9 anos  
 Maria Eduarda Espinel Vicente, 9 anos  
 Murilo Gabriel Souza de Carvalho, 9 anos  
 Pethalla Crystine Zacarias Santos, 9 anos  
 Vitoria Ferreira Trevisan Baro, 9 anos  
 Yan Henrique de Souza Destro, 9 anos  
 Yonhas David Dure Achucarro, 9 anos

##### 5º ano

Bruno Paiva Capra Belo, 10 anos  
 Ellen Alves Xavier Guimaraes, 10 anos  
 Joao Pedro Figueiredo Matos, 10 anos  
 Kauan Menezes de Carvalho, 10 anos  
 Leticia Silva dos Santos, 10 anos  
 Lucas Rebolcas Sampaio, 10 anos  
 Maria Eduarda Hipolito Castilho, 10 anos  
 Pedro Henrique Hipolito Castilho, 10 anos  
 Pietro Martins Araujo, 10 anos  
 Robson Rodrigues da Silva, 10 anos

EMEF Luis Washington Vita

AEL: Cora Coralina

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro: Sonia Frazão

DRE: Penha

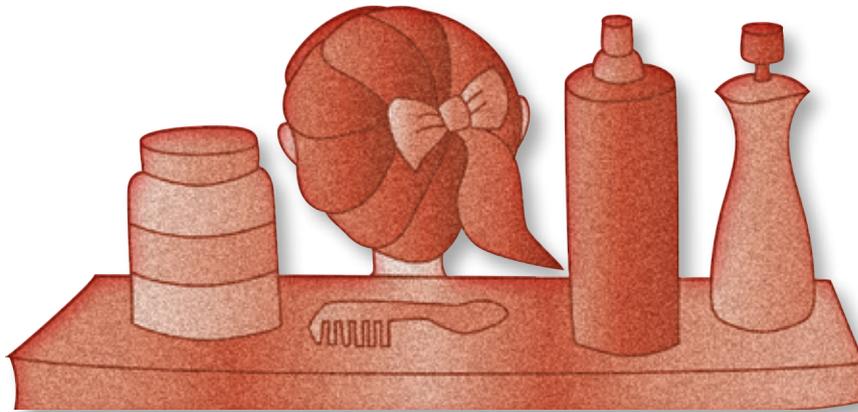
## O esconderijo

Minha respiração estava ofegante e os músculos de minhas coxas doíam de tanto correr, logo ele iria me pegar... era grande, corria rápido, ele era bom!

Apenas continuei a correr, desviando das cadeiras e de outros móveis que encontrei pelo caminho; a mesa, passei por baixo dela: eu era pequena e podia usar isso como vantagem. Corri ao meu máximo, ele havia perdido meu rastro pela casa, agora poderia me abrigar no banheiro, atrás das cortinas do box.

Silêncio...

Sua audição não era muito boa, porém, quanto menos barulho eu fizesse, melhor – pensava comigo mesma – colocando minhas mãos sobre a boca, como precaução.



O som dos passos começou a ficar mais alto, indicando que ele estava se aproximando. Devia ter desconfiado de onde eu poderia estar pela porta do banheiro ser a única fechada da casa. Ouvi o ruído da porta abrindo e acompanhei sua sombra entrando... ele iria me achar, ele iria me encontrar em segundos – pensei, receosa, andando para trás sorratamente... até que...

Poow!!

O *shampoo* havia caído, eu havia batido as costas na prateleira dos cremes da minha mãe e denunciado a minha localização. Fiquei toda arrepiada, quando senti suas mãos me puxando para perto dele. Já era... Eu havia perdido... era o meu fim!!!

- Achei você! – meu pai falou, sorrindo.
  - Não é justo! Você sempre ganha! – resmunguei, fazendo beicinho.
  - O que posso dizer? Sou bom nisso! – e ele piscou para mim.
- Sáímos abraçados.

Estudantes autores:

8º ano

Geovanna Santana de Souza, 13 anos

Letícia Pires Ribeiro, 13 anos

EMEF General Newton Reis

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários: Lucicleide Virgínio Freire Lima

Coordenador(a) das atividades de teatro: Miriam Satomi Irei Neiva

DRE: São Miguel

## O valor da família

Renata é uma garota rebelde, seus pais fazem de tudo por ela, mas ela é rebelde. Ser rebelde é parte da natureza dos jovens e adolescentes.

Certa vez, a menina pediu um celular novo aos seus pais. Afinal, após um ano de uso, considerava o seu já velho, desatualizado e ultrapassado.

Tinha a certeza de ser atendida, mas, para sua surpresa, seus pais disseram que não seria possível naquele momento, porque o orçamento familiar estava comprometido com a viagem que sonharam em realizar juntos.

Indignada, saiu marchando, pisando duro, e se trancou no quarto. Lá, ficou sonhando com as maravilhas que faria com o novo celular, caso seus pais tivessem concordado em lhe dar o sonhado presente.

Decepcionada, a muito custo, conseguiu, finalmente, convencê-los a não acompanhá-los, daquela vez.

Três dias depois, os pais de Renata voltaram felizes e contaram os detalhes da viagem para ela: o que viram, onde foram, o que conheceram...

Então, a menina rebelde se arrependeu de não ter ido com a família ao passeio.

Atualmente, histórias como essa se repetem, nas quais se valoriza o celular e o que se pode fazer com ele e se desvaloriza estar com as pessoas, abraçá-las e passar momentos incríveis com elas.

### Estudantes autores:

7º ano

Letícia Cruz dos Santos, 12 anos

Maria Vittoria Alves Filho, 12 anos

EMEF Jornalista Millôr Fernandes

AEL: Millôr Fernandes

Coordenador(a) de estudos literários: Elaine Caldas

Coordenador(a) das atividades de teatro: Mariana Aguiar

DRE: Campo Limpo

# Origens

Dia destes, estava eu pensando sobre a minha família, mais precisamente, sobre as origens dela. Desde quando existe a minha família? Qual a importância que ela carrega? Qual o motivo de ela existir? Quem foi o primeiro integrante da minha família? Essas eram algumas de muitas das perguntas que me fazia. Por que eu pensava nessas “idiotices”, em vez de pensar em como resolver os problemas que me rodeavam? Talvez pudesse ser apenas a vontade de descobrir minhas raízes, ou então, poderia ser outra coisa, coisa essa que não sabia ainda o que era. Decidi ir atrás do meu propósito, mesmo com todos os meus problemas e dúvidas pendentes.

Não fazia ideia de como começar a investigação. Em todo lugar por onde passava, via vendedores, placas, cartazes, anúncios, pessoas com pressa, caveiras esqueléticas cansadas; via de tudo nas ruas, mas não encontrava as respostas que eu procurava.

Tomei um ônibus, fui até à Praça da Sé, ponto zero de São Paulo, achando que ia encontrar algo de meu interesse. É claro que não achei nada. Tive uma ideia que julguei brilhante na hora: visitar um museu. Achei que, visitando um museu, iria achar algo sobre a minha família. Que ignorância a minha! Como iria encontrar algo sobre uma família que não tinha nenhuma importância para a sociedade, segundo o que eu sabia?

Voltei para casa, sem sucesso algum.

Lá pelas oito horas, recebi uma ligação da minha tia: ela estava me convidando para almoçar em sua casa. Não consegui dormir, fiquei com aquela ideia fixa na cabeça.

De madrugada, refleti e pensei que poderia encontrar algo sobre minha família na casa da minha tia. Por volta do meio dia, cheguei lá. Quase não comi, fiquei, na maior parte do tempo, procurando algum artefato que remetesse ao passado e, depois de muitas horas, encontrei! Olhei bem para o pires e para a xícara, na qual minha tia havia servido o chá. Percebi que na borda do pires havia duas iniciais: “AS” e, na xícara, outras duas: “JS”. Poderia ser uma pista...

Minha avó morava em um casarão, no bairro da Penha. Com Alzheimer, nem se lembrou de mim, quando me viu chegar. Entrar ali novamente me deu uma nostalgia enorme! Relembrei de quando eu era pequeno, quando corria por aqueles corredores, quando minha mãe era viva... Minha querida mãe, Alexandra... Claro! “AS” devem ser as iniciais de Alexandra Sphentrosi!

Precisava continuar a investigar...

Na casa da minha avó, havia muitos quadros e fotografias antigas, nas paredes, mas uma delas chamou muito minha atenção: uma fotografia em preto e branco, de um casal muito sério. Aquelas pessoas não me eram estranhas... Olhei na parte de trás da moldura e me deparei com algo que me encheu o coração de alegria: estavam lá as iniciais dos nomes, e os nomes completos! Chamavam-se “Alexandra Sphentrosi” e “Jiacomo Sphentrosi”. Ainda assim, não estava satisfeito. Queria mais!

Continuando a pesquisa sobre a minha árvore genealógica, descobri que o casal da foto tinha sido muito importante e poderoso, sim, dono de uma fortuna, que um antigo testamento indicava o lugar exato de onde encontrá-la, juntamente com outras escrituras importantes. E o melhor! O endereço correspondia ao da casa da minha avó!

No mesmo dia estava eu lá, radiante, com pá e cinzel na mão. Quando ia começar a escavação, um barulho ensurdecedor tomou conta de mim, tentava não escutar, mas era impossível. Caí em mim, de repente: aquele barulho ensurdecedor, na verdade, vinha do meu próprio despertador!

Tudo não tinha passado de um sonho? Nada daquilo tinha acontecido? Não tinha um tesouro enterrado no quintal da minha avó? E se o sonho fosse um aviso?

Então, fui até lá e comecei a escavar no local indicado no sonho. Cavei até encontrar algo metálico e duro. Animado, cavei com mais força, a ponto de estourar “aquela coisa”. Na verdade, “aquela coisa” era apenas um cano, que eu acabara de estourar...

**Estudantes autores:**

**8º ano**

Pietro Henrique Romão Spezzacatena, 13 anos  
Yohann Santos de Araujo Marcolino, 13 anos

**9º ano**

Nicole Gabrielly Lourenço Torres, 15 anos  
Sabrina Alves Carlos, 14 anos  
Emmily Moraes, 15 anos

CEU EMEF Inácio Monteiro

AEL: Clarice Lispector

Coordenadores de estudos literários: Solaine da Silveira Sousa e Gracielli Salles

Coordenador(a) das atividades de teatro: Lucia Ferreira Borge

DRE: Guaianases

# Quem briga, ama!

Mais um ano e a família Andrade se reúne para decidir a viagem de férias.

Dona Valentina espera que, desta vez, não tenha briga.

A reunião começa.

– Nós queremos ir para Fortaleza – falam os gêmeos.

A irmã, de 16 anos, resmunga:

– Posso ir para qualquer lugar desde que tenha *wi-fi* e que possa levar minhas amigas.

O pai fala:

– Não vai caber todo mundo no carro e não tenho dinheiro para despesas extras.

Então, a menina fala:

– Não vou. – e sai batendo o pé.

Depois, volta:

– Pode ser uma amiga magrinha?

– Pode, uma bem magrinha pode. – diz o pai, meio nervoso.

Os gêmeos dizem que também querem levar alguém.

Começa a briga. O pai, antes nervoso, agora fica irritadíssimo.

Dona Valentina interrompe, com o seu vozeirão:

– CRIANÇAS, PAREM DE UMA VEZ POR TODAS! NESTE ANO NÃO QUERO BRIGAS, ENTENDERAM? VÃO ARRUMAR AS MALAS E ENTREM NO CARRO, EM SILÊNCIO!

Após ficarem espantados com a reação firme da mãe, todos arrumam as malas e entram no carro, rapidinho, sem dar um piu sequer.

Não demora muito e todos começam a discutir, de novo: a filha não parava de resmungar porque o pai não tinha buscado a sua amiga.

A mãe interrompe, novamente:

– PODEMOS TER UMA VIAGEM EM PAZ???

Os irmãos, sem se importar com a fala da mãe, retomam a discussão:

– Você só reclama e não faz nada!

O outro concorda, com um movimento de cabeça.

– Caio e Caíque, fiquem quietos!

O pai grita:

– Chega!

A mãe tenta acalmar os ânimos:

– Melhor levar uma prima.

Para completar, o carro quebra no meio da estrada, e todos ficam desesperados. Os gêmeos choram porque querem um picolé...

O pai liga para o guincho.

Enquanto esperam, todos se sentam no chão e começam a relembrar as outras viagens, antes desta, e começam a rir, sem controle.

Após algum tempo, o guincho chega.

Todos entram, finalmente, no carro, e a mãe repete a ladainha que todos já conhecem de cor:

– Sabem por que nós brigamos tanto? Porque nos amamos e...

– PORQUE QUEM BRIGA, AMA! – repetiram todos a uma só voz.

**Estudantes autores:**

**5º ano**

Ana Clara Aires de Albuquerque de Almeida, 10 anos  
 Bianca da Silva Fonseca, 11 anos  
 Bianca Santos Alves, 10 anos  
 Fátima Maendo da Silva, 10 anos  
 Hanna Thayala Conrado de Brito, 10 anos  
 Júlia Santos Oliveira, 11 anos  
 Kesia Camili de Faria Silva, 10 anos  
 Luana Vitória Silva Rodrigues, 10 anos  
 Nathálya Araújo Costa, 10 anos  
 Nathália Fernandes Faustino dos Santos, 11 anos  
 Nathiely da Silva Melo, 10 anos  
 Virginia de Jesus Viana, 10 anos

**6º ano**

Agatha Tais Santana dos Santos, 11 anos  
 Maryane de Araújo Sousa, 11 anos  
 Mirella Fernanda Rodrigues Amorim, 11 anos  
 Otávio Augusto Alfenas de Jesus, 11 anos

**7º ano**

Aline da Silva, 12 anos  
 Guilherme Marcelino da Silva, 12 anos  
 Iago Alves Santos, 13 anos  
 Matheus Gabriel Soares de Lima, 13 anos  
 Thayna Kauany da Silva Santos, 12 anos

**8º ano**

Gabriel Oliveira Araújo, 13 anos

**9º ano**

Maysa Soares dos Santos, 14 anos  
 Jennifer Souza Silva, 14 anos  
 Kethelyn Julia Gomes Rosa, 14 anos  
 Stephany Aparecida de Jesus Viana, 14 anos  
 Thauany Galdino dos Santos, 14 anos

EMEF Professora Cecília Moraes de Vasconcelos

AEL: Graciliano Ramos

Coordenador(a) de estudos literários: Lucineide Vieira da Silva Cipoli e Simone Idy Paredes

Coordenador(a) das atividades de teatro: Egle Anny Sousa

DRE: Freguesia do Ó / Brasilândia

# Risadas e gargalhadas

Todo mundo ri de alguma coisa, alguns riem de coisas bobas, outros, nem tanto. Eu sou uma dessas pessoas do primeiro caso: rio de coisas bobas. E como tem gente que faz coisa boba neste mundo!

Várias vezes, quando estou na minha cama, sem fazer nada, eu gosto de ficar de cabeça para baixo - vejam se isso não é uma coisa boba e engraçada...

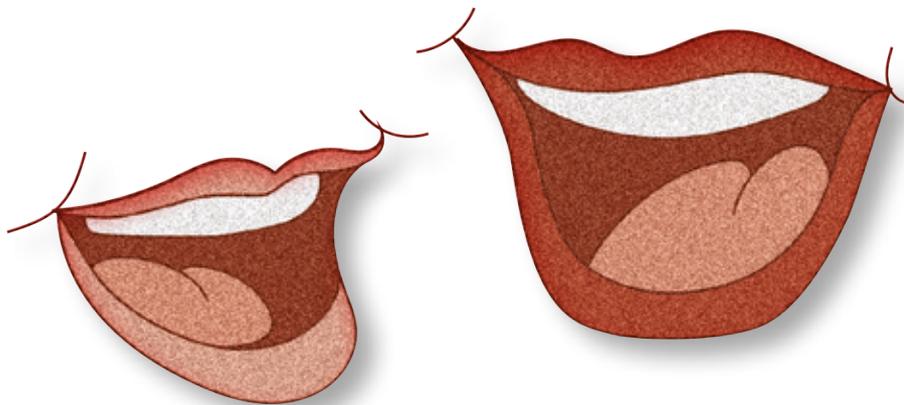
O meu padrasto tem vocação para ser um bobo engraçado e me divirto muito com ele.

Teve um dia em que ele passou pano no chão e disse:

- CUIDADO pra não cair! E ele mesmo quase caiu! E sabem o que ele disse depois?

- Era apenas um teste!

Num dia, ele resolve imitar as pessoas da TV; em outro, ele imita as pessoas de casa mesmo, seguindo-as, sem que elas se deem conta, mas quando desconfiam e se viram para olhar, ele faz cara de “paisagem”, como se ele não tivesse feito nada... acho que não existe nada mais bobo... e engraçado. Todo mundo termina dando risadas e gargalhadas. Até minha mãe, que sempre é a última a perceber as bobagens dele:



– O que foi? – pergunta, quando todo mundo já descobriu o que ele aprontou.

E vocês pensam que na escola a gente está livre dessas bobearias? Engano de vocês: na escola é que essas coisas mais acontecem...

Ontem, minha amiga viu uma foto que tiramos na escola, no ano passado, e viu as fotos de outros amigos também. Sem que ninguém entendesse o porquê, ela começou a rir sem parar, mas de um jeito que somente ela sabe rir... Até costume “batizar” as risadas dela. Ainda não consegui dar nome para todas elas, mas essa, de ontem, resolvi chamar de “hilária”!

Que bom que ainda conseguimos rir, mesmo que seja de coisas bobas...

Estudantes autores:

6º ano

Geovanna Ribeiro Souza do Carmo, 11 anos

Nicolly Clement de Freitas, 11 anos

EMEF Antenor Nascentes

AEL: Heloísa Pires Lima

Coordenador(a) de estudos literários: Laura Aparecida Guimarães Corrêa

Coordenador(a) das atividades de teatro: Luís Cláudio Amaral

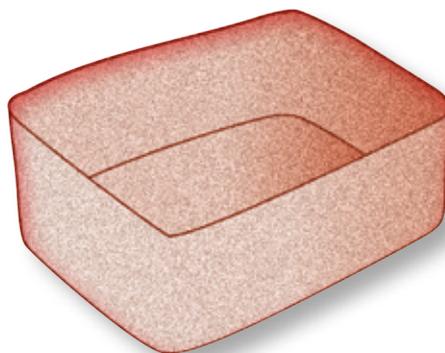
DRE: Santo Amaro

## Para que serve um pote sem tampa?

– Cadê a tampa do “meu” pote, Jurema?

Família é tudo igual, não é? Sempre brigando por coisas bobas. Esses dias Dona Epifania arranjou uma baita confusão com toda a sua família, por causa da tampa de um determinado pote, que havia sumido. Sabe o que aconteceu depois dessa confusão toda, meu caro leitor?! Dona Epifania jurou que nunca mais falaria com a sua família, até que o responsável pelo sumiço se assumisse. Maluquice, não é mesmo??!!

Dona Epifania já estava há dias sem falar com seus familiares: filhas, marido, sogra, sogro e afins, quando um belo dia, ela estava fazendo uma faxina em sua casa e adivinha o que ela achou??? Isso mesmo, meu amado leitor, a bendita tampa do “seu” pote. Estava caída debaixo da geladeira.



Muito envergonhada e arrependida, ligou para sua filha, Filomena, pediu desculpas e implorou para que ela entrasse em contato com as outras pessoas da família e pedisse perdão em seu nome, pois ela estava se sentindo envergonhada e não tinha coragem de falar com eles. Sua filha atendeu ao seu pedido. Os familiares a perdoaram e Epifania fez um almoço incrível e delicioso para celebrar a união da família.

É sempre assim!! Toda família tem seus pontos positivos e negativos. Sempre irão acontecer brigas e desentendimentos, mas tudo sempre acaba se resolvendo, mesmo que seja uma confusão tão boba, como o sumiço da tampa de um certo pote...

Família é tudo igual, não é?!!

Estudantes autores:

6º ano

Gabriela Lima Abreu de Oliveira, 11 Anos

Helena Della Torre de Melo, 11 Anos

Karina Almeida Novaes, 12 Anos

Samira Kelly Carvalho Mbwana, 11 Anos

7º ano

Vitória Cristina da Silva Santo, 13 Anos

EMEF José Honório Rodrigues

AEL: Sérgio Vaz

Coordenador(a) de estudos literários: Virlene Oliveira da Silva

Coordenador(a) das atividades de teatro: Fernanda Ilário

DRE: São Miguel

# Último suspiro

Quanto mais o tempo passa, mais angustiado fico. Vejo minha vida passando em minha frente, cada momento de alegria, tristeza, raiva, mágoa e felicidade...

Lembro-me do tempo em que minha avó cuidava de mim, cozinhava pra mim. Lembro-me do aroma do café sendo preparado, do bolo de cenoura saindo do forno, dos doces que ela fazia. Lembro-me do meu avô chegando a casa, contando piadas... Lembro-me também de quando me sentava à mesa e meus avós começavam a me contar histórias da infância; de quando eles ficavam até tarde brincando na rua, das conversas, das travessuras, dos beijos...

Sinto saudade dos meus avós! Principalmente, de quando meu avô falava que estava com fome e minha avó sumia pela cozinha, voltando pouco tempo depois, com uma travessa de suspiros.

Os suspiros da vovó tinham um gosto tão complexo, tão doce e agradável; eram crocantes e suaves, derretiam na boca...

Que nostalgia!

Sinto tanta falta dos meus avós... Sinto cada vez mais que nada faz sentido sem eles... Tudo acabou... quando eles deram o último suspiro...

Olho, mais uma vez, para aquela travessa, onde ficavam os deliciosos suspiros. Vazia agora, ela guarda somente o farelo das minhas lembranças...

## Estudantes autores:

### 8º ano

Letícia Pires Ribeiro, 13 anos  
Raissa dos Santos Campos, 13 anos  
Vitória da Silva Santos, 13 anos

### 9º ano

Gabriella Souza de Oliveira Santos, 15 anos  
Emily Berto dos Santos, 15 anos  
(*membro vitalício*)

EMEF General Newton Reis

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários: Lucicleide Virgínio Freire Lima

Coordenador(a) das atividades de teatro: Miriam Satomi Irei Neiva

DRE: São Miguel



**Esporte**



## A Boa de bola

Numa bela manhã de domingo ensolarado, minha mãe acordou inspirada para fazer o almoço, coisa difícil de acontecer, porque ela não gosta muito de cozinhar.

Quando percebeu que faltava o molho de tomate para a sua deliciosa macaronada, chamou-me:

– Eduarda, vai no mercado pra mãe!

Mesmo com preguiça, fui. No caminho, rachei o bico com as pernas-de-pau dos meninos jogando bola:

– Passa a bola!

– Vai, vai!

Fiquei observando e imaginando que me sairia bem melhor do que eles, se tivesse uma chance.

Na volta do mercado para casa, vi que os meninos continuavam no mesmo lugar, jogando bola, ainda. Então, enquanto eu estava passando, a bola veio bem na minha direção. Não pensei duas vezes: chutei! Porém, a bola passou por debaixo das minhas pernas, numa velocidade tão forte, que acabei chutando o ar. A minha perna se enroscou na sacola do mercado, tropecei, caí no chão, ralei meu



joelho, a bola bateu no muro de uma casa, voltou em minha direção, bateu no meu rosto e todos começaram a rir de mim. A vergonha foi tanta, que não sabia onde enfiar o meu rosto, levantei-me com tanta pressa de voltar pra casa, que nem percebi as moedas do troco caírem ao chão.

Com o episódio, cheguei a uma conclusão: quando sua mãe pedir para você ir ao mercado, vá, mas não invente de jogar bola.

Estudantes autores:

7º ano

Eika Santos Silva, 12 anos  
Maria Eduarda Silva Andrade, 12 anos  
Muryllo Rocha Ramos, 12 anos

8º ano

Gabriel da Silva, 13 anos

EMEF Professor Luiz Roberto Mega

AEL: Machado de Assis

Coordenador(a) de estudos literários: Simone Reis

Coordenador(a) das atividades de teatro: Cláudia Cavalcante

DRE: Guaianases

## Allan Kardec

Hoje foi um dia bastante confuso. Saí de casa para assistir ao filme do Allan Kardec. Minha mãe é espírita e eu sempre cresci ouvindo falar dele. Ao passar pelo cemitério, que fica no caminho da minha casa para o cinema, ouvi uma voz chamando pelo meu nome. Olhei para um lado, olhei para o outro e não vi ninguém. Continuei andando e a voz voltou a me chamar, só que dessa vez percebi que vinha de dentro do cemitério. Entrei para ver se era algum dos meus amigos que estava tirando uma onda com a minha cara, mas antes que eu pudesse encontrá-lo, uma mão tocou em meu ombro e eu saí correndo em direção à capela do cemitério.

Depois de passar pelo túmulo do meu avô, olhei para trás e não tinha ninguém. Quando virei para frente, esbarrei em um menino, mais ou menos da minha idade. Ele disse:

- Não precisa correr. Sou seu avô que voltou para cuidar de você.
- Meu avô? Mas ele morreu e está enterrado ali naquele túmulo.
- Engano seu. Você não é espírita? Devia saber que os espíritos das pessoas reencarnam em outras mais jovens.

Fiquei um pouco confusa com aquela história, mas para tirar a prova do que ele dizia perguntei:

- Então, tá. Qual que era o time de coração do meu avô?
- Grêmio. Óbvio!

Claro que aquele não era o time do vovô. Ele tinha falado aquilo porque sabia que o Grêmio é time de tiozão! Mas como ele parecia um menino legal, resolvi fingir que tinha acertado e o convidei para ir ver o filme comigo. Só achei estranho ele saber que eu era espírita. Vai saber! Vai ver conhecia algum dos meus amigos da escola. Talvez ele fosse da escola e eu é que não o conhecia.

- Tá, você acertou. Estou indo ao cinema. Quer vir ver um filme comigo?
- É de herói?!
- Não. É sobre o Allan Kardec!

– Que ótimo! Adoro futebol. Não sabia que tinham feito um filme sobre um grande jogador do meu tricolor!

Esse garoto era muito estranho. Disse que torcia pro Grêmio, mas o tricolor do Kardec (jogador) não era o Grêmio, mas o São Paulo, além do mais, o filme era sobre o pai do espiritismo, não o jogador de futebol! Vi que ele estava muito enrolado e resolvi zoar com ele.

Quando chegamos ao cinema, pedi para ele me comprar uma maçã do amor. Já na sala, com as luzes apagadas, comecei a fazer cara de nojo, enquanto comia a maçã.

– Olha! Eu sou uma vampira alienígena. Estou comendo um coração delicioso, vermelho de sangue!!!

Ele ficou assustadíssimo. Correu que nem um doido pelas ruas e quase foi atropelado por um caminhão de maçãs do amor. Quando o encontrei, estava todo sujo de vermelho e cheio de abelhas voando ao redor. Cheguei bem perto para ver se ele estava bem e ele disse:

– Eu morri?

– Morremos os dois... de tanto rir!!!

**Estudantes autores:****6º ano**

Ana Luiza Valentina Soares, 10 anos  
 Camille Santa Rita dos Santos, 10 anos  
 Caroline Dias de Araújo, 10 anos  
 Daniela Vargas Mamani, 10 anos  
 Felipe Barbosa, 10 anos  
 Jeniffer Caroline Gonzaga de Santana Santos, 10 anos  
 João Vitor Buri Barros, 10 anos  
 Kemilly Lohanny Pereira, 10 anos  
 Leticia Alves de Souza, 10 anos  
 Luan Felipe Alves Lourenço, 10 anos  
 Maria Clara Guedes de Araújo, 10 anos  
 Maykon Alves de Jesus, 10 anos  
 Samanta de Paula Pereira, 10 anos  
 Stephany Maria Pereira da Silva, 10 anos

**7º ano**

Amanda Jesus de Matos, 12 anos  
 Antônio Lopes Sanches Neto, 12 anos  
 Caike de Jesus Oliveira Angelo, 12 anos  
 Evelin Nascimento da Conceição, 12 anos  
 Gustavo Gonçalves Lima, 12 anos  
 Kamilly Vitoria Meira Gois, 13 anos  
 Kamilly Vitória, 12 anos

Leticia Caroline Pereira Araujo, 12 anos  
 Letícia Caroline, 12 anos  
 Lívia Vieira Bezerra, 12 anos  
 Manuely Almeida de Andrade, 12 anos  
 Mariana Silva Barbosa, 12 anos  
 Naiany Castro de Sousa, 12 anos  
 Nickoly Aysha Gomes de Oliveira, 12 anos  
 Nicolly Nathaly da Silva Santos, 12 anos  
 Raphaella Beatriz de Macedo Arcilia, 12 anos  
 Rosa Maria Cordeiro de Souza, 12 anos  
 Samara de Paula Pereira, 12 anos

**8º ano**

Álvaro Wesley Coutinho Cruz, 13 anos  
 Brena Tauane de Souza Silva, 13 anos  
 Camilly Micaelly Tavares Ferreira, 13 anos  
 Gustavo Gomide Pires, 13 anos  
 Helena Gomes dois Santos, 13 anos  
 José Henrique Santos Lima, 13 anos  
 Milenne das Dores Carvalho, 13 anos  
 Pedro Oliveira dos Santos, 13 anos  
 Vinícius de Araújo Carvalho Santos, 13 anos  
 Vitoria Santos Silva, 13 anos

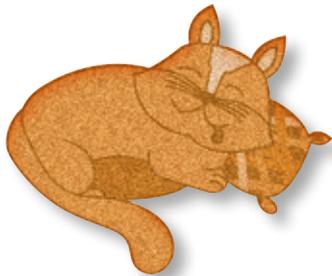
EMEF Eda Terezinha Chica Medeiros

AEL: Marcelo D'Saete

Coordenadores de estudos literários: Leila Nigro e Marilea de Almeida

Coordenadores das atividades de teatro: Felipe Fraga e João Rosalvo da Silva Junior

DRE: Butantã



**Bichos**



## A equação felina

O garoto não gostava muito de estudar, era bagunceiro e tinha dificuldades em Matemática. Vivia aprontando e conversando na aula, mas, naquele dia, sua mãe o obrigou a ir à escola.

No caminho, escutava música alta, parou para comprar chicletes (mesmo sabendo que os professores não lhe permitiriam mascar chicletes na aula), prosseguiu seu caminho, triste, chutando pedras, solitário.

Caminhava estranhando a rua deserta. Nunca a rua estivera vazia daquele jeito. Resolveu abandonar os fones e, para sua surpresa, ouviu um som familiar.

– De onde será que este som está vindo?

Decidiu seguir seu caminho. Mas o som ficou mais alto ainda e, por curiosidade, resolveu ver o que era.

Quando foi se aproximando, encontrou uma caixa de sapatos fechada e resolveu abrir. Deparou-se com um pequeno gato, preto com manchas brancas, um olho verde e outro azul, miando desesperadamente.

Colocou o caderno na calçada. Tomou o gato, cuidadosamente, e o abrigou em sua mochila, continuando a caminhada.

Seu semblante havia mudado. Seguia rapidamente agora, não havia falta de vontade em chegar à escola. Pensava em como os colegas receberiam a notícia do gato na sala de aula.

Chegando, contou a novidade para a turma, mas todos duvidaram. Nesse momento, sua professora Gleice, de Matemática, entrou, fechou a porta e anunciou uma prova surpresa. Pediu para todos se sentarem em ordem alfabética, pegarem lápis, borracha e caneta azul ou preta. O garoto, sem se lembrar de que deixara o material na calçada, abriu a mochila. O gato escapou e começou a passear pela sala, sem que ninguém percebesse.

Desespero! Não podia levantar-se, pois a professora, com certeza, iria chamar sua atenção por conta de ser prova e considerando o seu histórico de desobediência.

A professora Gleice iniciou a entrega das provas, enquanto o pequeno gato se esquivava por entre as pernas dos alunos. Agora sua presença era evidente. Exceto para a professora.

Ao terminar de entregar as provas, a professora sentou-se para fazer a chamada. Precisava se certificar de que todos estavam presentes. Em seguida, levantou-se e iniciou sua inspeção cotidiana. Ouviu um miado.

– DESLIGUEM OS CELULARES!

Outro miado...

A professora, desconfiada, iniciou a busca, fingindo que não havia escutado nada. Sabia que, se uma brincadeira por parte dos alunos estava acontecendo, o melhor seria fazer uma investigação sigilosa, para pegar o engraçadinho.

A tensão estava no ar. Todos os alunos estavam acompanhando os movimentos do gato. A professora Gleice percebia algo no ar, mas, como era prova de Matemática, o comportamento dos alunos não inspirava desconfiança.

– Talvez eles estejam assim por não conseguirem colar. – concluiu em pensamento.

O gato sumiu. Os olhos dos alunos estavam em movimento, buscando-o por todos os cantos:

– Onde está o gato?

Os alunos arregalaram os olhos ao perceberem que o pequeno felino havia entrado na bolsa da professora.

O sinal tocou. A professora recolheu as provas, mantendo o olhar fixo nos alunos. Pegou sua bolsa, sem nada perceber, e foi embora. Era sua única aula naquele dia.

Os alunos concluíram:

– Suspensão na certa!

– Tudo culpa do Felipe Cerqueira.

– Estamos fritos!

O burburinho durou todo o período.

No dia seguinte, por coincidência, teriam a primeira aula novamente com a professora Gleice. A sala já estava esperando pelo pior, e Felipe Cerqueira sabia que receberia outra advertência.

A professora chegou.

Estava diferente.

Os corações dos alunos estavam acelerados. E o da professora também.

– FOI O FELIPE, PROFESSORA !!!

– Felipe, venha aqui na frente, agora!

Felipe se levantou e seguiu, prevendo a sua sentença. Antes mesmo de poder se desculpar e explicar o ocorrido, a professora, para surpresa de todos, abraçou-o fortemente.

– Felipe, não esperava esta atitude. Foi uma surpresa muito boa.

A professora teceu elogios durante um longo tempo...

– Eu sempre quis ter um gato e você demonstrou este carinho. A sala está de parabéns! Mas que nome eu darei ao gatinho?

A sala gritou, em polvorosa:

– FELIPE!

– O QUE EU FIZ DESSA VEZ?

E todos caíram na gargalhada...

**Estudantes autores:**

**7º ano**

Brisa de Paschoal Conceição, 12 anos  
 Douglas Henrique Bomfim Ferreira da Silva, 12 anos  
 Isabela Martins da Silva, 12 anos  
 Julia Fernandes Catão de Lima, 13 anos  
 Kauã Ribeiro de Oliveira, 13 anos  
 Kimberly Baldo, 12 anos  
 Larissa Rosa Gonçalves, 12 anos  
 Rebeca Alves da Silva, 12 anos

Thalita Antunes Renda, 12 anos  
 Thiago Saúde Burmann Barros, 12 anos

**9º ano**

Juliana Ramos Sousa, 14 anos

**1º ano (Ensino Médio)**

Ana Julia Cardoso da Silva, 15 anos

EMEF Sylvia Martin Pires

AEL: Adelia Prado

Coordenador(a) de estudos literários: Kátia Silva Rocha Vilela

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ivone Rodrigues Freires

DRE: Ipiranga

## As travessuras de Satanás

Certo dia, meu pai chegou em casa com um filhote de Pinscher. Eu pulava de alegria, meu pai estava eufórico, porém minha mãe estava com os olhos faiscando de raiva.

– Não quero esse “satanás” aqui, ele vai destruir tudo, e eu que vou ter que cuidar dele.

Meu pai e eu nem ouvimos o que ela disse. Ter um filhote era muito bom, batizamos ele de Pipoca.

Pipoca era terrível, minha mãe estava sempre reclamando:

– Tira esse “satanás” daqui! Esse cachorro é um demônio!

Quando chamávamos o cachorro de Pipoca ele não atendia, mas se o chamássemos de “Satanás”, ele vinha correndo e lambia o nosso rosto.

Na escola, a professora pediu para fazer uma redação contando sobre as férias.

Estava super animado para falar sobre o meu cachorro. Escrevi e, ao entregar para a professora, ela começou a ler, olhou para mim com um olhar acusador e, cinco minutos depois, pediu para eu falar com a coordenadora.

Entrei na sala, vi que ela estava com a minha redação na mão e, sem fazer nenhum comentário, começou a ler em voz alta:

*Acordei atrasado, fui ao banheiro e tive uma sensação de que alguém estava me olhando: era Satanás. Corri, pois tinha que encontrar a minha mãe, que me esperava para ir ao parque. Foi só abrir a porta e Satanás saiu correndo, na minha frente. Minha mãe ficou furiosa, e não parava de chamar “Satanás, Satanás!” Eu queria*

*levá-lo conosco, mas a minha mãe gritava, cada vez mais alto: “Põe Satanás para dentro!”. Tentei alcançá-lo, mas ele corria muito mais do que eu. Finalmente, acabou entrando na igreja e o padre, que já conhecia a minha família, olhou pra mim, muito bravo e ordenou, interrompendo o sermão da missa: “Sai daqui, Satanás!”. As pessoas saíram correndo da igreja e...*

Quando a coordenadora acabou de ler, estava até com uma expressão de riso. Eu só pensava na Dona Clotilde, a bruxa do 71, e no Chaves, personagens e programa que fizeram rir tantas crianças e tantos adultos por tanto tempo... e que também tinham inspirado a minha redação, agora, na volta das férias.

Estudantes autores:

6º ano

Demétrio Elias da Silva, 13 anos

Gabrielle Mendes de Almeida, 12 anos

João Pedro Alves de Almeida Santos, 12 anos

Kevin Daniel Cândido Silva, 13 anos

Wellington Angelo Casação da Silva, 12 anos

9º ano

Irene Luiza Martins da Silva, 15 anos

EMEF Luiz Roberto Mega

AEL: Machado de Assis

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Claudia Patrícia Prado Cavalcante

DRE: Guaianases

## Com amor, Bobby

Olho pela janela, vejo a neve cair, congelando o jardim florido.

Uma batida na porta cria em mim a esperança de ser uma visita, mas era só o médico, como sempre.

Estou aqui desde os meus 10 anos, minha vida já não é a mesma, nem me lembro da última vez que corri no quintal de casa, sinto falta dos biscoitos e do suco de laranja que minha avó fazia.

Desde os meus 15 anos, não recebo mais visitas da família. Acredito que eles perderam a esperança de que um dia eu pudesse ficar curado.

Hoje, o médico não veio realizar exames de rotina, e sim, trazer a notícia mais esperada: voltaria para casa, finalmente.

Meu coração palpitou de alegria e na minha cabeça estava a lembrança do abraço da minha mãe.

Silêncio triste.

Subo as escadas e coloco minha mala dentro do meu quarto, percebo que está tudo do mesmo jeito que deixei. Saio, para sentir o ar puro novamente. O sol



parece me reconhecer e, depois de algum tempo, vem me cumprimentar com uma brisa quente. Começo a andar, entro em lojas, passo por ruas, vejo pessoas que há muito tempo não via, aproximo-me de um beco, até que, de repente, ouço um choro. Fico curioso e não penso duas vezes antes de entrar.

Um cão, de pelagem preta e de olhos grandes, chorava por outro cão, ali, morto. Sua tristeza era parecida com a minha.

Aconcheguei-o em meu colo, chamei-o de Bobby, e o levei comigo.

Depois de tudo o que passei, senti que a vida, enfim, me dava um presente e que a esperança dentro de mim renascia.

Estudantes autores:

8º ano

Alessandra Julia da Silva Oliveira, 13 anos  
Bianca Juliane da Silva de Oliveira, 13 anos  
Evelly Pinheiro de Souza, 13 anos  
Kalil Campos Simão, 13 anos

EMEF Paulo Gomes Cardim

AEL: Luiz Gama

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Mônica Messias da Silva

DRE: Itaquera

# Crônica de um morador de rua

A rua é minha casa, a noite é escura e fria e me dá muito medo. Acordo com o som dos pássaros.

Pessoas passam, mal me olham, mal me entendem, mal me escutam, mal me veem e me ignoram; quando incomodo, me jogam balde de água fria, isso quando não correm atrás de mim com um pedaço de pau, para me agredir.

Quando chega a noite, o que me alegra são as estrelas brilhantes. Quando as nuvens cobrem as estrelas, penso: “será que vai chover?”. Trovões me aterrorizam.

Meu alimento encontro nas ruas, pode ser nojento, mas é o que tem no cardápio.

Tenho um companheiro, é o único que entende meu sofrimento. Dividimos tudo que temos: a rua, o céu, as estrelas e a tristeza.

Ele me protege e eu o protejo.

Meu dia a dia não é tão ruim, há bons momentos. A natureza está bem próxima de mim, tenho a liberdade a meu favor, corro, brinco, choro e durmo a hora que eu quiser.

O ruim de ser muito livre é que muitas vezes caminha-se sozinho.

A raiva me persegue, mas a bondade me socorre: um prato de comida, uma vasilha d’água, uma almofada, uma manta bem quentinha e um cafuné. Já o meu companheiro... Vai de porta em porta, de rua em rua, e quase não consegue nada, é como se fosse invisível também. Quando ele demora muito para voltar, abaixo o meu rabinho e saio latindo, para procurá-lo.

Essa é minha vida de cão de rua.

Estudantes autores:

7º ano

Melissa Santos, 12 anos

Natan Lucas, 12 anos

Nicole Lucia, 12 anos

Sabrina Lauton, 12 anos

Tayssa da Silva, 12 anos

EMEF Brigadeiro Correia de Melo

AEL: Lima Barreto

Coordenador(a) de estudos literários: Rita de Cássia Caramasqui

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ana Lúcia de Miranda F Silva

DRE: Itaquera

## O presente inesperado

Em um sábado à tarde, meu marido, meus dois filhos mais novos e eu decidimos realizar uma festa surpresa para o irmão mais velho deles. Ele estava completando doze anos e o seu maior desejo era ganhar um cachorro. Decidimos dividir as tarefas. Os dois irmãos mais novos iriam à procura do cachorro em um *pet shop*, para o qual já havíamos encaminhado a papelada, a fim de adquirir o animalzinho.

Enquanto isso, meu marido e eu ajeitamos toda a casa. Recebemos, aos poucos, os convidados. Depois de alguns minutos, nossos filhos chegaram com a pequena “bola de pelo”, dentro de uma caixa. Os convidados não paravam de chegar.

A casa já estava quase lotada, quando recebi uma mensagem do meu marido, avisando que o meu filho já estava voltando da casa da avó.



Avisei todos os convidados para se esconderem. Assim que o meu filho chegou, ele teve a grande surpresa: seus irmãos entregaram-lhe o presente tão aguardado. Rapidamente, tirou o bichinho da caixa.

Esperava-se por um cachorrinho serelepe, que não parasse quieto, mas o que se viu foi um bichinho tranquilo, que só queria espreguiçar-se. Quando começou

a arranhar o sofá e a correr atrás de um novelo de lã cinza, que possivelmente imaginava ser um rato, a suspeita de que algo estava errado se confirmou.

Por fim, ouviu-se um miado...

Em meio a muitas gargalhadas, todos desvendaram o mistério: o presente não era um cachorro, mas sim, um gato!

O que poderia ter causado decepção ao aniversariante acabou causando mesmo felicidade, porque, em pouco tempo, não só ele, mas todos os convidados estavam apaixonados por aquele adorável “cachogato”.

Estudantes autores:

7º ano

Erica Ana Cordeiro Santos, 12 anos  
Giovanna Oliveira Ivo dos Santos, 12 anos  
Heloísa da Silva Santana, 12 anos  
Ninakelly Souza de Almeida, 12 anos  
Sabrina Meireles Deus Dara, 12 anos  
Thamires Silva do Nascimento, 13 Anos

EMEF Danylo José Fernandes

AEL: Walcyr Carrasco

Coordenador(a) de estudos literários: Gicélia Ferreira de Souza

Coordenador(a) das atividades de teatro: Guilherme Cunha de Carvalho

DRE: Itaquera

## O quintal da minha casa

Acordo sempre cedo para brincar; alguns acham que é para trabalhar, mas eu consigo dar conta das duas coisas, ao mesmo tempo: eu faço as duas coisas juntas.

O meu amigo Manuel costuma dizer: “Acho que o quintal onde a gente brinca é maior do que uma cidade.”

Tenho muita intimidade com as coisas ao meu redor. A cidade é muito estranha, me sinto perdida.

Este mundo é diferente do meu. Meu mundo não tem carros, motos nem caminhões. Meu mundo eu mesma construo. É bem mais simples, menos sujo, menos poluído, tem menos pessoas. Não tenho luxo, mas tenho tudo de que preciso.

Adoro a chuva, mas prefiro o sol. Não preciso me bronzear, já nasci com o meu bronze.

Muitas pessoas me ignoram, me veem como um ser muito pequenino. Quando isso acontece, corro para o meu mundo, o meu quintal.

Procuro ficar sempre atendida com todos os movimentos. Sou ágil para correr dos perigos.

Há muitas pedras no meu caminho, mas, como sempre, eu desvio de todas.

Não há só pedras no meu quintal, há bichos que me aterrorizam: aranhas, besouros, baratas e outros, por isso nunca ando só. Juntos, somos mais fortes! A escuridão me assusta e a solidão me apavora.

Assim são as pedrinhas do meu quintal, e essa sou eu, uma formiguinha simples e poética!

### Estudantes autores:

6º ano

Beatriz Eduarda Fernandez da Silva, 11 anos

Gabriela Fernandes Melo de Freire, 11 anos

Letícia Marina Gomes de Lima, 12 anos

Sabrina de Souza Novais, 11 anos

Talita Cândido dos Santo, 11 anos

EMEF Brigadeiro Correia de Melo

AEL: Lima Barreto

Coordenador(a) de estudos literários: Rita de Cássia Caramasqui

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ana Lúcia de Miranda F Silva

DRE: Itaquera

## Os bichinhos e os humanos

É interessante pensar no nosso convívio com os animais e em como esta relação foi se transformando ao longo dos anos.

Antigamente, não tinha esse cuidado que hoje verificamos; muito pelo contrário, as pessoas achavam que os animais existiam para satisfazer as necessidades humanas. Era o burro de carga, era o leite da vaca, a banha do porco, e assim por diante. Mesmo o cachorro tinha que ser bom caçador. A vida urbana, a mudança nas famílias fez com que se alterasse também a relação com os animais ou com os nossos bichinhos. Antes, fora de casa; agora, dentro; antes, para nos servir; agora, para estimarmos.

Quem não gosta de um bichinho de estimação? Gatos, cães, papagaios e até mesmo os mais exóticos. Todos amamos bichinhos de estimação. Eu adorava ver os cachorrinhos passando pela rua, brincando de rolar por aí, sem se preocuparem com o mundo, divertindo-se com os outros cachorros. Gatos também são tão inteligentes, eles são ótimas companhias, eles são fofos e divertidos, aposto que todos gostam de gatos. Já vi na televisão gente que abraça, beija e deixa ficar dentro de casa até bichos maiores, como vaca, porco, cavalo e leão.

Talvez nós, humanos, devêssemos nos igualar aos animais. Eles não se preocupam com dinheiro ou status, apenas vivem da forma que eles se sentem bem e são ótimo exemplo de como nós poderíamos ser pessoas melhores.

Às vezes, eu acho que eles são mais inteligentes que nós, seres racionais. Quanto mais eu penso nisso, mais eu tento ser diferente. Eu sempre cuidei dos animais, mas sei que existem pessoas que os maltratam, acho isso errado, é algo que não deveria acontecer, mas existem pessoas que não percebem que eles têm sentimentos. Também acho exagerada a ideia de fazer festa de aniversário para os nossos bichinhos ou de vesti-los como crianças, mas, por mais doido que isso pareça, é melhor que maltratar.

Observo essas mudanças e fico só pensando em como será a relação com os animais daqui a duzentos anos. Mas, a pergunta deveria ser outra: Teremos animais daqui a duzentos anos? Será que nossos bichinhos morrerão todos? Quem sabe se não sofrerão mutações devido aos tratamentos exagerados e se tornarão quase humanos?

Estudantes autores:

6º ano

Ana Julia Abilio Carbajal, 12 anos

7º ano

Gustavo Ferrenha Cerqueira, 13 anos

8º ano

Ana Luíza Marques, 13 anos

Bianca Matos Barreto, 13 anos

Emily Vitoria Alves Santana, 14 anos

Fernanda Maziero de Souza, 14 anos

Harysson Teles, 14 anos

Isabel Cristina Cota Fontes, 13 anos

Janaina Maria Ferreira, 14 anos

Julia de Moraes Neves, 13 anos

Larissa Regina Felicio Nascimento, 14 anos

Laryssa Fabyanne da Silva Costa, 13 anos

Mayara Pereira dos Anjos, 14 anos

Millena Perez Sertório, 13 anos

Nayra Souza de Oliveira, 14 anos

Raquel da Cruz Souza, 15 anos

Thaiane Pereira Domingues, 13 anos

Thayná Canuto da Silva, 14 anos

Vitor Hugo de Cristo Silva, 13 anos

9º ano

Barbara Zappielo Araújo, 14 anos

Fernanda Jacomolsky, 14 anos

Tainá Pereira, 14 anos

Vitória Santos da Costa, 15 anos

EMEF Emílio Ribas

AEL: Paula Pimenta

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Eva Aparecida dos Santos

DRE: São Mateus

## Quero um bichinho

- Mãe, quero ter um bichinho!
- Você não cuida nem de você mesma, quanto mais de um bicho.
- Mas eu posso dar comida e levar ele para passear.
- E o resto?
- Como assim?
- E o banho, e a sujeira, e as vacinas, e o veterinário e o principal: quem vai educar ele?
  - Não tinha pensado nisso.
  - Cuidar de um cachorro não é só divertir-se com ele. Quem cuida de um animal tem que ter responsabilidade e disponibilidade de tempo. Não é só “querer ter um bichinho”. Hoje em dia, é muito comum encontrar animais jogados pela rua. Para ter um bichinho é preciso pensar em todos os gastos e cuidados de que ele precisa, como: carinho, atenção, vacinas e medicamentos.
  - Mas eu já tenho 11 anos! Já tenho responsabilidade! Já estou bem grandinha!
  - Você não tem responsabilidade nem para colocar sua roupa pra lavar, quanto mais para cuidar de um bichinho...
  - Afff. Tá bom! Mas eu não vou desistir assim tão fácil.  
(faz-se silêncio, enquanto a menina olha para a rua, da janela)
  - Mãe, olha aquele cachorro preso na coleira, sem comida nem água...
  - É, filha, quando eu digo que é cedo para você ter um animal de estimação, você não gosta, mas um bichinho é para a vida inteira. Você sabia que um cachorro pode viver até 20 anos? Quando estão velhinhos, muitos animais são jogados na rua, pois dão muito gasto e trabalho, não brincam como quando eram filhotes e precisam de muito mais carinho e atenção do que antes. Largar um animal assim é muito errado. Para esse cenário mudar, temos de conscientizar as pessoas, fazer com que pensem sobre o que está errado e que se corrijam.

- Mãe, então eu acho melhor eu ter um bichinho depois, pois não sei se vou conseguir fazer tudo isso sozinha, com 11 anos...  
(a mãe suspira, aliviada, enquanto a menina continua a olhar pela janela)
- Mãe, olha aquele porquinho, que lindo! Mãe, eu quero um porquinho...  
(desolada, mas carinhosa, a mãe abraça a filha)
- E lá vamos nós de novo.

**Estudantes autores:****6º ano**

Eduarda Maria dos Santos Lima, 11 anos  
Maria Luiza Figueiredo Leite, 11 anos  
Natália de Araujo Cilistino, 11 anos

**7º ano**

Adriely da Silva, 12 anos  
Cesar Henrique Conceição Matos, 12 anos  
Diego Santos de Lima, 12 anos  
Erica Maria dos Santos Lima, 12 anos  
Karyne Aparecida Ramos, 12 anos  
Leticia Borges da Silva, 12 anos  
Leticia dos Santos Pedrosa, 12 anos  
Natalia Maria Sousa dos Santos, 12 anos

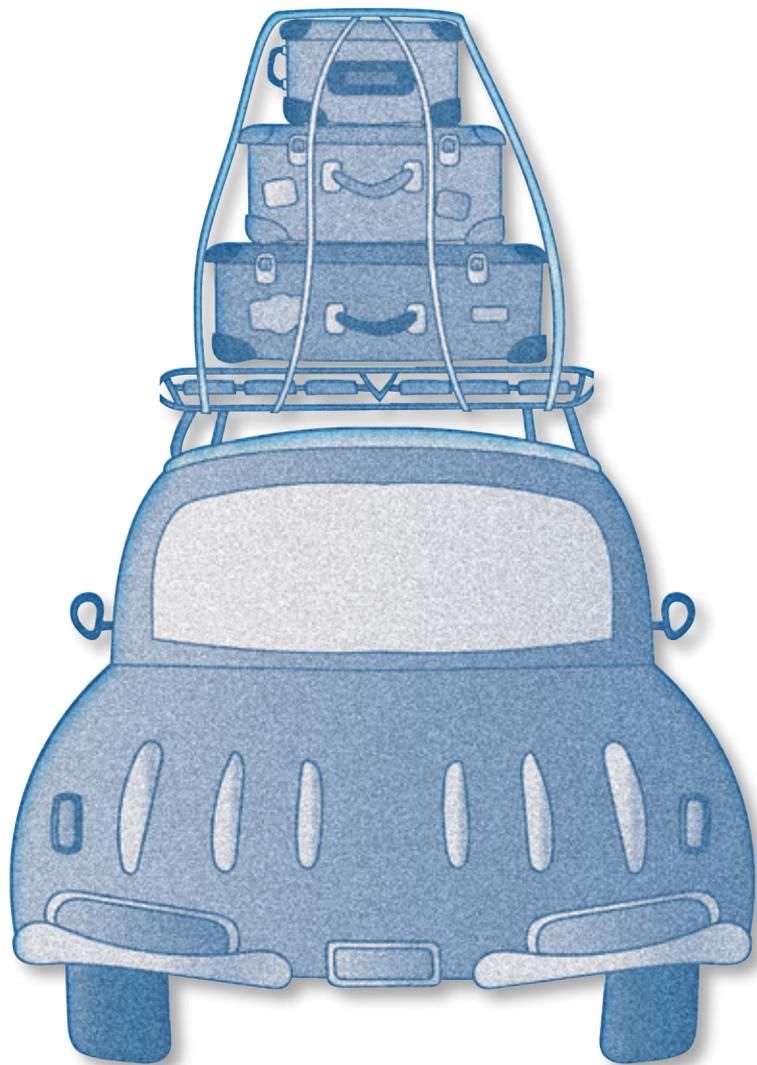
EMEF Wanny Salgado Rocha

**AEL:** Tatiana Belinky

**Coordenadores de estudos literários:** Edna Valinas e Gabriel de Paula Santos

**Coordenador(a) das atividades de teatro:** Gabriel de Paula Santos

**DRE:** Penha



**Viagens**



# A viagem de formatura

Um grupo de estudantes do Colégio Vannucchi organizou, juntamente com seus professores, uma viagem de formatura do Ensino Médio, com destino à Austrália. Estudantes, pais e professores se encontraram no Aeroporto. Após se despedirem dos seus pais, os estudantes, eufóricos, entram no avião.

Durante a viagem, o silêncio predomina.

Letícia, uma das alunas, foi ver o seu cãozinho, instalado na parte inferior, conforme determinava o regulamento. Ela o encontra bastante agitado, latindo muito. Ao se aproximar dele, depara-se com uma cabeça ensanguentada. Fica muito assustada, mas não comenta com ninguém, e volta para sua poltrona.

No decorrer da viagem, coisas estranhas começam a acontecer. Ruídos ensurdecadores passam a incomodar os passageiros. Um dos professores se levanta e chama pela aeromoça, que não consegue esclarecer sobre os acontecimentos.

Vários corpos mutilados são vistos ao fundo da aeronave, quando estudantes e professores são orientados a se equipar com os paraquedas e a pular do avião.

Caem numa ilha desconhecida e, preocupados em como voltar pra casa, saem em busca de ajuda, explorando o local. Descobrem que estão em perigo novamente, pois aquele lugar era povoado por canibais. Antes de encontrarem um local para se esconderem, são perseguidos por vários deles, que conseguem ferir gravemente um dos estudantes, devorando os dedos de sua mão direita. Apavorados e preocupados com o estudante atingido, correm em direção a uma cabana, invadem o local e fecham a porta.

O medo toma conta de todos. Ao olharem pela janela, veem cenas horríveis: pessoas devorando corações, rins e fígados. São obrigados a passar a noite naquela cabana.

No dia seguinte, constroem um barco e conseguem, finalmente, atravessar a ilha. Aliviados, veem um hospital do outro lado da rua. Na portaria, são atendidos por um segurança que ouve seus relatos e pede que se acomodem. Ao entrarem, Letícia sente alguém segurando o seu braço, e...

“Letícia! Letícia! Acorda, filha! Estamos em cima da hora! Você vai perder o voo. Hoje é o grande dia!”

Estudantes autores:

6º ano

Gabrielle Duarte dos Santos, 12 anos  
Izabel Gabrielly Rodrigues da Silva, 12 anos  
Letícia Gabriela dos Santos Oliveira, 11 anos  
Maryana Rodrigues da Silva, 11 anos

7º ano

Maria Eduarda Oliveira David, 13 anos

EMEF Alexandre Vannucchi Leme

AEL: Maurício de Sousa

Coordenadores de estudos literários e das atividades de teatro:

Claudia Ferreira de Rezende e Teresinha Aparecida Rodrigues de Amorim

DRE: Guaianases

# Aquela viagem

Em uma manhã chuvosa de segunda-feira, Helena levantou-se como de costume e, ainda sentada em sua cama, espreguiçou-se e pensou nas tarefas do seu dia.

Tudo corria como planejado: cuidar da casa, do seu cachorro e dedicar-se aos estudos, mas não podia imaginar que uma surpresa estava por acontecer.

Tia Marta convida-a a levar o cachorro ao *pet* e lhe revela:

– Vamos viajar nesse feriado!

Quando chega o grande dia e colocam o pé na estrada, Helena encanta-se com a paisagem e se mostra ansiosa para chegarem ao destino.

Parecia um sonho rever a sua família, depois de tanto tempo morando com a tia, andar de novo a cavalo, sentir o contato com a natureza, encontrar amigos e, principalmente, matar a saudade de sua mãe.

Passou muito rápido o feriado...

A rotina esperava por ela na cidade, ou seja, suas tarefas diárias, atividades e obrigações escolares a aguardavam na Capital.

Helena, com uma tristeza enorme no coração, dá um abraço em sua mãe, despede-se de seus parentes e retorna para a cidade. Quem sabe, no próximo feriado, todos esses sentimentos possam voltar ainda mais revestidos de saudade e de magia.

Nascer e crescer no interior e depois ir para a capital para estudar faz com que, em cada feriado prolongado, a esperança de reavivar lembranças guardadas em um local especial da memória se renove.

Estudantes autores:

8º ano

Kawany Cristiny Florize da Silva, 13 anos

9º ano

Júlia Lourenço Dias, 14 anos

Vanessa Santos de Jesus, 14 anos

EMEF Dias Gomes

AEL: Dias Gomes

Coordenador(a) de estudos literários: Felipe Ferreira de Oliveira

Coordenador(a) das atividades de teatro: Leandro Alves Machado Torres

DRE: Guaianases

# De Manaus para São Paulo

Viajar faz parte da vida de muitas pessoas, tem gente que viaja nas férias para se divertir e descansar. Outros viajam para visitar os familiares, trabalhar. E quando a gente viaja em busca de uma vida melhor, para outro estado, dentro do próprio país, acontece a migração.

As pessoas sempre migram, por diferentes motivos. Minha família migrou de Manaus, no Amazonas, aqui para São Paulo, em busca de emprego. Imaginávamos que seria um lugar diferente, mas o que chamou nossa atenção mesmo foi o jeito de falar sobre coisas iguais de maneira tão diferente, em dois estados do mesmo país!

Aqui, na periferia da zona sul de São Paulo, micro-ônibus ou executivos são chamados de perua, pochete é estojo, pincel é canetinha, pão de massa grossa é pão de sal, pão de massa fina é pão de banha. Errorex é branquinho.

Os paulistas corrigem quem fala diferente deles e acham engraçado, também, quem não age da mesma maneira que eles. Mas nos receberam bem, e isso foi algo que nos deixou muito felizes, fizemos novos amigos e tivemos novas experiências culturais.

Apesar das diferenças, na escola não sofremos nenhum tipo de preconceito.

Se, algumas vezes, o paulista faz quem vem de fora sentir-se um intruso, fico pensando em como seria um paulista vivendo em Manaus...

Estudantes autores:

6º ano

Giovanna Conceição de Souza, 12 anos

Joeneidy Rosius, 12 anos

Julia Gomes do Nascimento, 11 anos

Lygia Maria da Conceição Rocha, 11 anos

Ninna Marina Machado, 11 anos

7º ano

Pamela Crystine Gomes Auzier, 12 anos

EMEF Jornalista Millôr Fernandes

AEL: Millôr Fernandes

Coordenador(a) de estudos literários: Elaine Caldas

Coordenador(a) das atividades de teatro: Mariana Aguiar

DRE: Campo Limpo

# Desesperados

7h30min. De repente, a mulher acorda assustada e dá um grito:

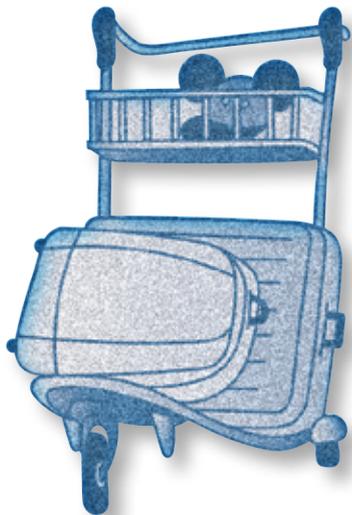
– Querido! Olha que horas são! Vamos perder o nosso voo!

Levantam-se apressados. Malas arrumadas, táxi esperando, partem desesperados para o aeroporto.

Trânsito caótico, chuva, acidente, caminhão no caminho.

Os dois, abraçados, quase tendo um infarto, finalmente chegam ao saguão do aeroporto e olham esperançosos para o telão de embarque, que revela sem piedade:

9h15min. Destino: Orlando. Voo: 318. Portão: 8. Voo Encerrado.



– Oh não! Grita a mulher, em choque.

– Calma, amor! – pede o marido.

Ela cai, desmaiada.

Em seguida, forma-se uma grande confusão:

- Um médico, rápido! Há algum médico no recinto? – alguém grita.
- Diante da urgência da situação, as pessoas que passavam por lá resolvem tirar a mulher do chão e a levam para o ambulatório, onde, enfim, é medicada e recobra os sentidos, após algum tempo.

Meio atordoada ainda, abre os olhos e vê o marido ao seu lado. Com a passagem na mão e com uma expressão de choro e de riso ao mesmo tempo, ele apressa-se em abraçá-la e tranquilizá-la:

- Querida, nosso voo é amanhã!

Estudantes autores:

7º ano

Cassia Maria de Melo Santos, 13 anos  
 Gabriela Ferreira da Silva, 12 anos  
 Gabriella Melo Lima, 12 anos  
 Izabel dos Santos Nascimento, 13 anos  
 Jamilly Yasmin da Silva, 12 anos  
 João Victor Freitas Alves, 13 anos  
 Ketlen Christine Silva, 12 anos  
 Ketelyn da Silva Santos, 12 anos  
 Larissa Isabelle Crispin da Silva, 13 anos  
 Marcela da Silva Teixeira, 12 anos  
 Munique Reis Cuchinir, 13 anos

Renato dos Santos Santana da Silva, 13 anos  
 Sarah Victoria Rodrigues Melo, 13 anos

8º ano

Diego Rocha da Silva, 13 anos  
 Guilherme Costa e Silva, 13 anos  
 Thiffany J. A. dos Santos, 13 anos

9º ano

Ingrid Raquel das Neves, 14 anos  
 Ingrid Soraia da Silva, 14 anos

EMEF Dr. José Kauffmann

AEL: Márcia Ribeiro Pitta

Coordenador(a) de estudos literários: Marivalda Fontanete

Coordenador(a) das atividades de teatro: Maurizalen Avila

DRE: Pirituba / Jaragua

# Excesso de bagagem

Estou em frente a meu guarda-roupa, decidindo o que vou colocar na minha mala de viagem. Meu amigo me convidou para ir à Bienal do Livro do Rio de Janeiro, porque ele tinha visto a minha alegria ao visitar a Bienal do Livro aqui de São Paulo.

– Acho que vou levar alguns vestidos, vai que aparece alguma festa por lá!  
– digo para mim mesma, enquanto pego todos eles e coloco na terceira mala de rodinhas, já cheia de roupas.

Depois, vou em direção a minha estante de livros e concluo que teria que levá-los, não podia correr o risco de ficar sem o autógrafo dos meus autores favoritos.

– Ai, amo esse aqui!! – pego o livro “Extraordinário” e o coloco em outra mala.

– Os livros da Stella Carr também são incríveis! – e minha mala já estava pela metade, só com os livros que eu tinha escolhido.

– Nossa, esses aqui eu queria tanto ler, por que eu não li??? Vai ser uma ótima oportunidade colocar a leitura em dia, já que o aeroporto costuma ser tão entediante!

Quando vi, já tinha duas malas cheias de livros! Volto do quarto, analiso os outros cômodos, para ver se não havia me esquecido de nada.

– É verdade, preciso de uma mochila para colocar notebook, perfume, maquiagem, escova de cabelo.... Ah... E tenho que colocar bolachas, salgadinhos, não é?! Posso sentir fome no caminho, e os preços, no aeroporto, andam na estratosfera...

Finalmente, pego a minha bolsa e coloco meu celular, fones, carregadores, um batom, minha câmera fotográfica, um repelente de insetos....

Olho para o relógio e percebo que estou atrasada. Chamo um carro pelo aplicativo para me levar para o aeroporto. Sou obrigada a fazer o motorista vir até meu apartamento, para me ajudar com as malas, pois estou sozinha e não consigo lidar com tanta bagagem...

Chegando ao aeroporto, peço ajuda ao motorista para tirar as malas do carro:

– Muito obrigada, viu? Fique com o troco!

– Ufa, essas duas malas estão muito pesadas... – desabafou o motorista, agradecendo pela gorjeta.

– É uma viagem longa, preciso realmente de muitas coisas.

Na fila, para despachar as malas, ouço da recepcionista:

– Desculpe, moça. A senhora terá de pagar pelo excesso de peso... – a mulher me diz essas palavras com voz de secretária eletrônica.

Mando uma mensagem para o meu amigo enquanto fico sentada, esperando que ele chegue.

– Não acredito que você trouxe o mundo inteiro! E ainda quer que eu pague por isso? – diz meu amigo, quando chega, e coloca sua única mochila no chão, drasticamente.

– Lógico, foi você quem me convidou! Além do mais, eu não podia deixar de levar o necessário para o tempo que vamos ficar lá. Aliás, quanto tempo ficaremos?

– Um fim de semana – responde o meu amigo, com excesso de... decepção.

Estudantes autores:

7º ano

Andrew Fabrício Pinto Reis, 12 anos  
Emily Iamane PC Aguinaldo, 12 anos  
Heloisa Araujo de Souza, 12 anos  
Isabella Buzzetto, 12 anos  
Kauê Shinha de Melo, 12 anos

Nicole Cordeiro da Silva, 12 anos  
Raissa Andrade Shinha, 12 anos  
Raquel Zoldan, 12 anos

Thamires de Souza Azevedo, 18 anos  
(*membro vitalício*)

EMEF Barão de Mauá

AEL: Eva Furnari

Coordenador(a) de estudos literários: Regina Aparecida Fiuza

Coordenador(a) das atividades de teatro: Marcia Regina Olivo

DRE: Penha

## Maravilhas da praia

A experiência de viajar é fascinante, pois sair da rotina renova nossas energias e podemos conhecer novos lugares e pessoas, viver (e reviver) momentos inesquecíveis, seja com a família ou entre amigos.

Até chegar o dia da viagem, a expectativa e a ansiedade aumentam cada vez mais, à medida que a data se aproxima. Começo a arrumar as malas assim que amanhece, é difícil no começo, mas finalmente termino, porém com a sensação de que estou me esquecendo de algo (o que acontece quase em todas as vezes). Quando me dou conta, noto que no meu quarto ficaram somente minha cama, o colchão e o guarda-roupa! O restante das minhas coisas está na mala e, mesmo assim, ainda fico com a impressão de que alguma coisa está faltando.

A saída é repleta de esperança e boas vibrações para que a temporada, em outro local, seja excepcional. O trajeto é muito relaxante e reflexivo, pois a paisagem variada nos mostra coisas extraordinárias e lembranças que ficarão marcadas na memória. Às vezes, tenho a sensação de estar em um videoclipe com uma trilha sonora inspiradora, me achando a “Adele” ou o “Bruno Mars”. O percurso para a praia tem o seu lado ruim, a pressão da serra nos ouvidos incomoda e atrapalha meu videoclipe.

A chegada à praia é impressionante! Ver pessoas se divertindo, o sol brilhando e as ondas rolando. Hora de montar o guarda-sol, as cadeiras e passar o protetor solar. A visão do mar é sensacional, e fico ali por horas, só admirando o horizonte e bebendo meu “refri” refrescante. Quando me preparo para ir ao mar, vejo o carrinho do sorvete passar, e corro para pedir um picolé. Fim do dia, hora de trocar o look, passear na feirinha de artesanato e conhecer uns “crushes” interessantes.

Durante a temporada na casa de praia, ficamos alocados com muitas pessoas, o que torna o momento do banho algo estressante! Mal entro no chuveiro

e já vem alguém bater à porta para que eu saia logo do banheiro. Aff, como vou conseguir me arrumar pros “crushes”? Sem falar da louça imensa que fica na pia, após cada refeição, e que ninguém quer lavar...

Enfim, viajar para a praia tem seus momentos ruins, porém, os acontecimentos bons superam tudo.

Estudantes autores:

7º ano

Andrew Nicolas Ferreira Soares Santos, 13 anos  
Ruany Beatriz de Souza Ramos, 13 anos

8º ano

Andressa da Costa Alves, 14 anos  
Eduardo Saraiva Guedes, 13 anos  
Gabriela Oliveira Ramos, 13 anos  
Gustavo de Oliveira de Aquino, 15 anos  
Kauane da Silva, 13 anos  
Mateus Henrique Cardoso Ramos, 13 anos  
Mayara Ferreira de Lima, 13 anos

Miguel Alan Gonçalves Vieira, 13 anos  
Nicolly Agatha Pereira Maciel, 13 anos

9º ano

Anny Emilly de Melo Silva, 14 anos  
Fellype Gustavo Lopes dos Santos, 14 anos  
Gleice Aparecida de Deus, 14 anos  
Gustavo Custódio Matias, 14 anos  
Isadora Rodrigues da Silva, 14 anos  
Suellen Torrecilhas, 14 anos

EMEF Prof. Milton Ferreira de Albuquerque

AEL: José Roberto Torero

Coordenador(a) de estudos literários e de atividades de teatro:

Amanda Freitas do Nascimento

DRE: Capela do Socorro

## O que vale é a atitude

Todo dia Íris chega mal-humorada, mas quando quer alguma coisa trata logo de mudar de comportamento. Afinal, precisa convencer seus pais a autorizarem o passeio tão esperado, por isso obedece e torna-se um doce de criança.

– Oi, mamãe do meu coração.

– Hummm... O que você quer, menina?

– Nada, mamãe. Nossa, nem posso ser carinhosa com a senhora, que já acha que eu quero alguma coisa. Fala sério!

– Ah sei, fala logo o que você quer e para de me enrolar. Se você quiser dinheiro, não tenho.

– Então, vai ter um passeio muito legal na escola e será o último do ano. Por favor, todo mundo vai e eu quero ir também.

– Mas você não é todo mundo e nem sei que passeio é esse.

– Mamãe, será um passeio incrível para o Parque do Ibirapuera, eu gostaria muito de ir. Também iremos ao MAM e depois faremos um piquenique, com várias coisas gostosas.

– E o que é esse tal de MAM?

– MAM é o Museu de Arte Moderna. Será muito da hora esse passeio, preciso ir.

– Iris, você não está merecendo ir a passeio nenhum! Nunca faz nada que eu peço, está malcriada e suas notas na escola estão um horror.

– Mas, mãe, juro que vou melhorar! É sério, eu prometo.

– Nem venha com o mesmo discurso, você vive prometendo e nunca cumpre. Por mim você não vai, mas tenta a sorte com o seu pai. Eu não quero mais falar sobre isso.

Íris ficou muito chateada, parou para pensar e realmente caiu a ficha de que estava pisando na bola com seus pais e na escola. Dirigiu-se para o seu quarto, ficou chorando e se lamentando por muito tempo, até que parou para pensar em todos os acontecimentos e decidiu realmente mudar.

A partir de então, Íris mudou seu comportamento, passando a receber elogios dos professores e de seus pais, por fazer todas as atividades escolares e também por ajudar em casa sempre que possível. Conforme se aproximava a data do passeio, Íris

percebia que suas chances de ir ao Parque do Ibirapuera aumentavam a cada dia e, ao mesmo tempo, sentia uma imensa felicidade por estar se tornando uma adolescente mais responsável.

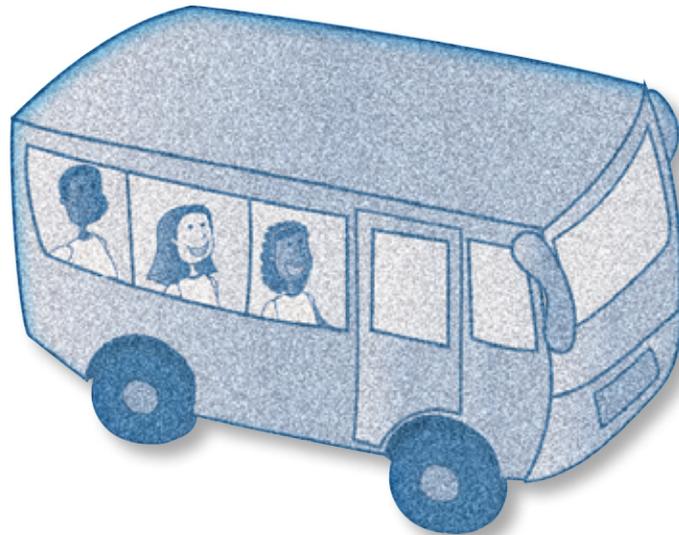
Finalmente, Íris se encheu de coragem, e foi conversar com o seu pai.

– Pai, está tudo bem?

– Sim, filha. Por quê? Algum problema?

– Não é bem um problema, pai. Há algumas semanas eu pedi à mamãe para eu ir a um passeio da escola, mas ela não deixou, e pediu para que eu conversasse com o senhor, já que eu não estava merecendo. Na hora não tive coragem de contestar, pois, refletindo, cheguei à conclusão de que eu estava realmente pisando na bola e, por isso, estou mudando meu comportamento.

– Filha, sua mãe me falou sobre o passeio e perguntou o que eu pensava. Realmente, você não estava merecendo. Porém, percebemos o quanto tem se empe-



nhado em mudar, já está com ótimas notas na escola e tem nos ajudado muito em casa. Pensamos em fazer uma surpresa, mas como você veio conversar, saiba que autorizamos o passeio.

Íris abraçou seu pai e gritou por sua mãe, dizendo o quanto os amava. E o passeio foi mesmo muito especial, do jeitinho que havia imaginado.

A relação entre os pais e adolescentes é muito complicada, mas Íris percebeu que nem sempre estamos com a razão, às vezes basta uma mudança de atitude para melhorar qualquer relacionamento e conquistar muitas coisas. Essa mudança depende somente de nós mesmos e o que realmente vale são as nossas atitudes.

#### Estudantes autores:

##### 3º ano

Júlia Sales, 8 anos

Luana Sena Carvalho, 8 anos

##### 5º ano

Emanuelly Matheus de Oliveira, 10 anos

Iris Paula Gomes, 10 anos

Luiz Guilherme Medeiros, 10 anos

##### 6º ano

Ana Clara Agostinho, 11 anos

Brenndha Silva Rodrigues, 11 anos

Débora Rodrigues Santos Argolo, 13 anos

Diego Pires Vilela, 11 anos

Diogo de Sousa Xavier, 11 anos

Giovanna Amaral de Camargo, 12 anos

Guilherme Menezes Silva, 11 anos

Izabella Lima Souza, 11 anos

Laura da Silva Barros, 11 anos

Thainá Souza Reis Costa, 11 anos

Thais Gonçalves de Queiroz, 11 anos

##### 9º ano

Beatriz Pereira de Melo, 14 anos

Carla Cristina Silva, 14 anos

Gabriel Saraiva Monteiro, 14 anos

Julia Felipe Dias, 14 anos

Juliana Santos Silveira, 14 anos

Lucas Augusto Rocha Correia, 14 anos

Leticia dos Santos Lima, 14 anos

Nicolly da Silva Vieira, 14 anos

Rayane Balbino do Monte, 14 anos

Vitória Aparecida Lima da Silva, 14 anos

Wellington Nunes de Oliveira, 14 anos

EMEF Frei Damião

AEL: Maria Vilani

Coordenador(a) de estudos literários: Lucinéia Sena Lessa

Coordenador(a) das atividades de teatro: Marcia Aparecida Carmo

DRE: Capela do Socorro

## Por trás de uma foto

Só quem viaja sabe e sente a ansiedade e o sufoco em arrumar as malas, imaginar a intensidade do frio que poderá fazer, e depois revisar tudo, para ver se não se esqueceu de nada.

Afinal, chegou o dia da minha primeira viagem à França. Ah! Claro que não posso e nem devo me esquecer do celular, que apelidei de “meu companheiro”, que registrará os melhores momentos da viagem!

Enfim, está tudo perfeito, do jeito como sonhei: minhas malas estão arrumadas, tudo lindíssimo, agora é só embarcar!

De repente, quando estou indo em direção à poltrona reservada para mim no avião, alguém me empurra, fazendo com que meu celular caia ao chão. Nossa! Como eu fiquei furiosa! E ainda, para piorar, essa pessoa ficaria ao meu lado durante a viagem inteira! Sentei na poltrona, mesmo assim. Peguei o meu celular e tirei a primeira foto, com a legenda: “como estou feliz” *#primeiraviagem*.

Não disse ainda que o voo atrasou e que a mala não chegou ao aeroporto. Resumindo, tudo estava dando errado, porém não podia e nem queria me estressar. Decido ir a um restaurante, aproveito para pegar o meu “companheiro”, tiro uma foto da comida e posto, com a seguinte legenda: “tudo saindo como planejado”.

Já perfeitamente instalada, finalmente, iria ao *show* da banda que mais amo, “Coldplay”. Quando os portões se abrem, saí correndo para ter o melhor lugar no *show*, esbarrei em um monte de gente, até em uma mulher que estava com um copo de bebida nas mãos. Tive de curtir o show com a minha blusa inteira manchada de vinho. Mesmo aborrecida, pegue o meu celular e tirei mais uma foto, focando somente a minha cabeça e o palco com os artistas que amo, e acrescentei a legenda: “melhor não poderia ser”.

No dia posterior ao *show*, fui ao Museu do Louvre, tirei outra foto, agora, em frente à fonte, e postei, acompanhada da legenda: “Eu vejo o futuro repetir o passado; Eu vejo um museu de grandes novidades”.

O tempo não para.

Hoje, quando penso naquela viagem, lembro-me de um dos maiores aprendizados que tive: entre fotos e mais fotos postadas nas redes sociais, ninguém pode saber se, realmente, “tudo saiu como planejado”, mesmo que assim conste da legenda.

Para a minha próxima viagem, já decidi a minha *hashtag*:  
#curta a viagem e não a foto pra postar!

Estudantes autores:

8º ano

Letícia Pires Ribeiro, 13 anos

Raissa dos Santos Campos, 13 anos

Vitória da Silva Santos, 13 anos

EMEF General Newton Reis

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários: Lucicleide Virgínio Freire Lima

Coordenador(a) das atividades de teatro: Miriam Satomi Irei Neiva

DRE: São Miguel

## Quando entramos em pane

Um homem, chamado Brayan, entrou em um aeroporto com seus dois filhos, Emília e Roberto, e sua esposa, Anna Beatriz. Brayan era uma pessoa muito comunicativa e alegre, já sua família nem tanto, eram muito desunidos. Ele até tentava juntar sua família, mas quanto mais juntos, mais separados estavam.

A viagem planejada era propriamente para se darem melhor. Usando boné preto, Brayan se via perdendo as esperanças, e foi assim que comprou as passagens e embarcou.

No avião, nada mudou, Anna Beatriz, sua esposa, lia uma revista. Emília, que estava com lacinho rosa nos cabelos, e seu irmão Roberto, usando camisa de anime, não desgrudaram do celular, cada um do seu. Já o pai, ficava pensando no que falar.

Quando ele estava prestes a abrir a boca, o inesperado acontece: o piloto pede para apertarem os cintos, pois o avião tinha entrado em pane e estavam todos caindo. A família entrou em pânico, mas a reação foi a mesma: juntaram-se dando as mãos e começaram a rezar. Juntos, perceberam que a família era o bem mais importante que possuíam e começaram a revelar, por entre lágrimas, o amor que sentiam uns pelos outros.

O piloto, João, que era muito experiente, conseguiu, felizmente, realizar o pouso de emergência, e assim, salvou todos.

Quando desembarcaram, a revista tinha se perdido, o boné não estava bem arrumado na cabeça de Brayan e os celulares já não eram mais tão importantes.

Abraçaram-se e seguiram, para aproveitar a viagem.

Estudantes autores:

7º ano

Anna Beatriz de Andrade, 12 anos  
Brayan Everson Gonçalves da Silva, 12 anos  
Sabrina Rodrigues da Silva Santos, 12 anos

8º ano

João Augusto Salomone, 13 anos

EMEF Francisco Alves Mendes Filho

AEL: Graciliano Ramos

Coordenadores de estudos literários e das atividades de teatro:

Vinicius Custodio de Lima Silva

DRE: Itaquera

# Ser viajante!

Eu sempre gostei de viajar. Torna-se imprescindível, depois de algum tempo.

Acho que comecei com a Turma da Mônica, quando adorava visitar o bairro do Limoeiro, acompanhando mais um plano infalível do Cebolinha e do Cascão, e me divertia com as broncas da Mônica, com as coelhadas que os garotos recebiam, com a comilança da Magali e as invenções do Franjinha. Ahh... Era simplesmente fascinante!

Logo depois, embarquei em novas aventuras com o irreverente Menino Maluquinho de panela na cabeça, fazendo toda criança desejar ser como ele.

Em seguida, fui parar na casa do Marcelo, Marmelo, Martelo, que criou seu próprio dicionário, inventando nomes incomuns, mas cheios de propriedades.

Mais tarde, conheci o Raul da Ferrugem Azul e com ele aprendi a importância de nos posicionarmos diante de situações injustas; compreendi que quando isso não acontece somos tão culpados quanto o agressor. Acho que essa foi minha primeira reflexão mais séria.

A cada viagem, novas revelações e muitos conceitos mudados. Em visita a castelos, cavernas e ruínas, conheci histórias, personalidades e criaturas fantásticas.

Saber mais sobre acontecimentos e fatos históricos me provocam emoções. Já lutei com monstros, me apaixonei por princesas corajosas, que enfrentam problemas com garra e muita competência, e que não precisam de príncipes que as salvem.

Um livro aberto é uma nave que nos convida a viajar por entre suas páginas rumo a novas aventuras.

Certa vez, coloquei um colchão do lado de fora e me deitei ali, abraçado a um novo livro. Já havia ouvido falar sobre ele, estava curioso, emocionado, ansioso para lê-lo, mas fiquei por horas, admirando sua capa, sentindo seu cheiro. Sim, livros têm cheiro e alguns bem diferentes de outros. Desenhei com os dedos suas letras em relevo, como quem acaricia o rosto de um ser querido. Não o abri, fiquei a imaginar o que me esperava, quais mistérios desvendaria, quais segredos descobriria. Contemplei o pôr do sol alaranjado à tarde, vi a noite chegando de mansinho e as primeiras estrelas iluminando a escuridão do céu. Decidi adiar aquela

viagem por mais um dia, somente pelo prazer de prorrogar aqueles sentimentos que faziam meu coração acelerar.

Livros são poderosos instrumentos contra a ignorância e o tédio. Despertam sensações incríveis. De olhos bem abertos e pensamento solto, a viagem começa e, então, você percebe seu corpo respondendo a isso, num misto de arrepio, desligamento, entrega e prazer. Os livros se abrem apresentando rios de letras, montanhas de palavras, castelos de frases, paisagens que enfeitam cenários de um novo mundo a ser desvendado.

Ler é viajar, voar mesmo sem asas, caminhar sem tirar os pés do chão, sonhar acordado, navegar em um mar de palavras, soltando a imaginação... O livro é o veículo que nos conduz ao mundo fantástico do conhecimento.

#### Estudantes autores:

##### 6º ano

Blenda Dayra de Braga, 11 anos  
 Cecília Asbel Pires, 11 anos  
 Henrique Pastore Vicente, 11 anos  
 Jaqueline Alexandre de Sousa, 11 anos  
 Josias Douglas Silva, 11 anos  
 Klara Kamilly Marcelino da Silva, 11 anos  
 Rebeca Correa da Silva, 11 anos

##### 7º ano

Namã Silva Rodrigues de Freitas, 12 anos  
 Rayssa Yasmim David Reis, 13 anos

Vitor Aparecido Pedrosa Sousa, 13 anos  
 Vitória Aparecida Pedrosa Salles Rodrigues, 13 anos

##### 8º ano

Elisama Cunha Gonçalves, 13 anos  
 Isadora Nascimento Soler Fernandes, 13 anos  
 Jullia Ferraz Brighenti Cavinato, 13 anos  
 Kethelyn Lins Araujo Barbosa, 13 anos

##### 9º ano

Henrique Erick Hamura Dos Santos, 14 anos  
 Leonardo Rodrigues Lins, 15 anos

EMEF Antônio Pereira Ignácio

AEL: Cora Coralina

Coordenador(a) de estudos literários: Creusa Aparecida Lima Ruiz

Coordenador(a) das atividades de teatro: Maurício Firmino Rosa

DRE: Guaianases

## Tudo que é bom... dura pouco!

No aeroporto, a família Ramos, em férias escolares, passeava com seus filhos Maurício e Carlos, para mostrar-lhes os tipos de aeronaves existentes naquele local. As duas crianças sapecas, teimosas e desobedientes soltaram as mãos dos pais e correram em direção à escada rolante.

– Assis, por favor, cuide dos meninos na escada rolante. – falou Graça, aflita.

– Eu largo as mochilas e cuido deles? – pergunta, calmamente, o pai.

– Pode deixar, eu consigo carregar minha bolsa, mochilas e cuidar deles. – disse Graça, com ar sarcástico.

Nesta hora, uma mensagem vinda do alto falante chama a atenção deles: no final, ouvem o sobrenome da família e o alerta de última chamada. O casal olha-se meio desorientado e corre. Na verdade, são arrastados em direção aos portões de embarque. Assis puxou a mão de Maurício e entrou desesperado pelo portão 01, destino Porto Alegre. Logo atrás, puxando mochila numa mão e Carlinhos na outra, entrou Graça no portão 02, destino Belo Horizonte, empurrada pelos retardatários.

Já dentro do avião, pai e filho são recebidos pela gentil aeromoça que os encaminha aos seus respectivos assentos, por perceber que ambos estavam perdidos. Sentaram-se, afivelaram os cintos e olharam-se.

– Pai, por que entramos neste avião? E cadê minha MÃE? – sussurra Maurício à beira do choro.

– Mauricinho, fique calmo, daqui a pouco a mamãe chega. – fala Assis, olhando para a porta do avião.

Enquanto isso, na outra aeronave, com destino a Belo Horizonte, cena semelhante acontece com Graça e Carlos, que são saudados pela aeromoça, encontram os seus assentos e, orientados, afivelam os cintos.

Carlos, aos soluços, percebe que algo está errado:

– Mãeeee, por que entramos neste avião? E cadê meu pai?

Graça, imediatamente, com as mãos suadas, acalma o filho:

– Seu pai está chegando logo, logo, fique calminho.

Todos estavam com um frio na barriga. Afinal, era primeira vez que entravam num avião. E só de imaginar como seria a tão sonhada viagem, suspiravam de nervoso e de alegria. O sonho dos pais estava prestes a acontecer. E a alegria era tal que eles ignoravam o pavor que as crianças estavam sentindo, por estarem em aviões separados e por não entenderem a esquisitice da situação em que se haviam metido.

Mas, como todo sonho sempre acaba na melhor parte, ouve-se, em todo o avião, a voz do comandante:

– Muito obrigado a todos os participantes desta incrível aventura EMBARQUE + RÁPIDO, promoção das linhas Aéreas RAMOS, valendo uma viagem para Maceió/Alagoas. Agradecemos a todos que se inscreveram em nosso site e aos que toparam de última hora estar conosco neste desafio surpresa. Lembramos que duas aeronaves faziam parte desta brincadeira.

Todos das aeronaves aplaudiram, eufóricos, menos a família Ramos que não estava entendendo nada, nem os pais e muito menos os filhos.

– E, um último aviso, por favor, todos verifiquem em que posição estão na competição EMBARQUE + RÁPIDO, no painel da saída. Obrigado, mais uma vez, e parabéns à família vencedora! - informou o comandante.

Os Ramos desembarcaram lentamente, os adultos tristes por terem participado apenas da simulação de um embarque e não de um voo como achavam que seria, e os pequenos eufóricos por estarem todos reunidos novamente. Os meninos abraçaram-se quando se encontraram no corredor do desembarque. E os pais olharam-se e concluíram, ao mesmo tempo:

– Tudo o que é bom... dura pouco!

**Estudantes autores:****5º ano**

Ana Clara Aires de Albuquerque de Almeida, 10 anos  
 Bianca da Silva Fonseca, 11 anos  
 Bianca Santos Alves, 10 anos  
 Fátima Maendo da Silva, 10 anos  
 Hanna Thayala Conrado de Brito, 10 anos  
 Júlia Santos Oliveira, 11 anos  
 Kesia Camili de Faria Silva, 10 anos  
 Luana Vitória Silva Rodrigues, 10 anos  
 Nathália Fernandes Faustino dos Santos, 11 anos  
 Nathálya Araújo Costa, 10 anos  
 Nathiely da Silva Melo, 10 anos  
 Virginia de Jesus Viana, 10 anos

**6º ano**

Agatha Tais Santana dos Santos, 11 anos  
 Maryane de Araújo Sousa, 11 anos

Mirella Fernanda Rodrigues Amorim, 11 anos  
 Otávio Augusto Alfenas de Jesus, 11 anos

**7º ano**

Aline da Silva, 12 anos  
 Guilherme Marcelino da Silva, 12 anos  
 Iago Alves Santos, 13 anos  
 Matheus Gabriel Soares de Lima, 13 anos  
 Thayna Kauany da Silva Santos, 12 anos

**8º ano**

Gabriel Oliveira Araújo, 13 anos

**9º ano**

Jennifer Souza Silva, 14 anos  
 Kethelyn Julia Gomes Rosa, 14 anos  
 Maysa Soares dos Santos, 14 anos  
 Stephany Aparecida de Jesus Viana, 14 anos  
 Thauany Galdino dos Santos, 14 anos

EMEF Profa. Cecília Moraes de Vasconcelos

AEL: Graciliano Ramos

Coordenadores de estudos literários: Lucineide Vieira da Silva Cipoli e Simone Idy Paredes

Coordenador(a) das atividades de teatro: Egle Anny Sousa

DRE: Freguesia do Ó / Brasilândia

## Um sonho de viagem

Aquela viagem de avião começou bem tranquila. Timbo e Katarina, além de namorados, estudavam juntos na USP e eram alunos de arquitetura. A viagem a Dubai os ajudaria a aprofundar seus conhecimentos. Ambos estavam animados e não viam a hora de chegar ao destino.

No meio da viagem, Katarina resolveu ir ao toilette e, ao sair, teria seu passeio marcado como jamais esperara. Sentiu seu coração bater mais forte ao se deparar com aquele que fora seu primeiro amor. Os olhares se cruzaram, os corações palpitararam e os pensamentos voltaram ao passado.

Em meio ao transe, carregado de nostalgia, o avião passou por uma zona de turbulência, e o desce e sobe do pássaro de ferro provocou o encontro dos corpos do casal.



Katarina olhou fixamente nos olhos do ex-namorado e a distância de poucos centímetros entre eles aumentou ao ouvir a voz grave do piloto anunciando os procedimentos para a aterrissagem.

Os dois voltam aos seus lugares, mas seus pensamentos seguiram em sintonia, com o desejo de um beijo apaixonado. De repente, Katarina desperta, com um misto de susto e alegria, com o suave bom dia de seu namorado:

– Bom dia, Katy... Chegamos! Seu sono estava agitado! Teve um pesadelo?

– Não... !!! Sim... !!! – ela responde tentando disfarçar – Ah, Timbo... ééé...

Nem me lembro direito...! – responde sorrindo.

Os dois se preparam para a aterrissagem, mas Timbo nem desconfiou que aquele sorriso que ela trazia nos lábios não pertencia a ele...

#### Estudantes autores:

##### 5º ano

Gabriela Giraldi Lamera, 10 anos  
Gustavo Cardoso Almeida, 10 anos

##### 6º ano

Daniel Geremias Sales, 11 anos  
Fabricio Marcolino da Silva, 11 anos  
Isabella Marcondes Santos Silva, 11 anos  
Raphael Moretti Cassassimo, 11 anos  
Rubia Lauanny Freire Matias, 11 anos  
Victória Giraldi Lamera, 11 anos

##### 8º ano

Amanda de Almeida Teixeira, 13 anos  
Breno de Passos Moreno, 13 anos  
Camila Aparecida Teles da Silva, 13 anos  
Giovanna das Chagas, 13 anos

Maria Eduarda Silva de Paula, 13 anos  
Maria Fernanda da S Souza, 13 anos  
Pamela Vicente dos Santos, 13 anos  
Paulo Henrique da Silva, 13 anos

##### 9º ano

Camilly Adria Figueiredo, 14 anos  
Jennifer Vitoria Gomes de Souza, 14 anos  
Larissa Marcondes Santos Silva, 14 anos

##### 1º ano (Ensino Médio)

Bianca Simões Salles, 15 anos

EMEFM Antônio Alves Verissimo

AEL: Conceição Evaristo

Coordenador(a) de estudos literários: Priscila dos Santos

Coordenador(a) das atividades de teatro: Simone Matheus da Silva Bezerra

DRE: Pirituba / Jaraguá

## Vale desencantado

Férias... Que maravilha... Mal podia conter a ansiedade. Contagem regressiva. Janeiro chegou. O dia tão esperado também. A correria, a multidão, os estresses, a violência, a indiferença da cidade grande vai ficando para trás e dando lugar a outras paisagens que nos tranquilizam e acalmam. A beleza das flores e o cheiro da natureza nos envolvem e acariciam.

A cidadezinha em que vovó mora é espetacular. É um lugar que lembra passarinhos, beijinhos, docinhos, cachorrinhos... Aconchegante como colo de mãe, abraço de vó, conselho de pai.

Brincadeiras na rua, amizades compartilhadas, todos se conhecem, parece uma grande família. É sempre uma festa.

Há muitas guloseimas e sorrisos.

Era tudo tão perfeito que mais parecia um sonho lindo de sonhar.

Sabia que esses momentos ficariam eternizados em nossas lembranças. Não queria que o mês acabasse, poderia ter duas vezes o mês de janeiro, ou uma lei que determinasse que, a partir de agora, o mês passaria a ter 60 dias. Seria divertido para as crianças, mas para os pais...

Não sei por que me lembrei da escola, das aulas da AEL, do meu autor – Carlos Drummond de Andrade – e de seu poema, “No meio do caminho”, talvez por estar em sua cidade natal, não sei bem o motivo.

Quando li o poema pela primeira vez, achei aquela pedra no meio do caminho extremamente repetitiva e irritante, mas agora compreendi perfeitamente como um poema tão pequeno e repetitivo traria tão profunda reflexão.

De repente, não mais que de repente, não só existia uma pedra no meio do caminho, mas sim, existiam muitas pedras, lamas, destruição e uma barragem rompida, que deixou muitas vidas sem completarem seus caminhos...

Ah!!! Drummond... Se você estivesse aqui, o que escreveria?

Não há palavras que expressem tamanha tristeza diante de tal tragédia.

Tinha uma pedra no meio de Brumadinho. No meio do caminho ficou Brumadinho...

Estudantes autores:

7º ano

Izabelli Pereira da Silva, 12 anos

8º ano

Sarah de Souza, 13 anos

Tiago Pereira da Silva, 13 anos

EMEF Brigadeiro Correia de Melo

AEL: Lima Barreto

Coordenador(a) de estudos literários: Rita de Cássia Caramasqui

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ana Lúcia de Miranda F Silva

DRE: Itaquera

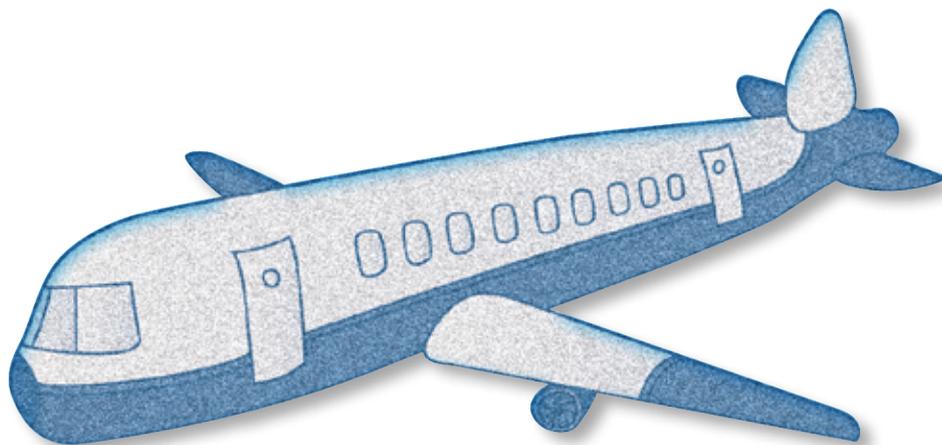
## Viagem à ilha dos sonhos

Quando chegamos ao aeroporto, eu, principalmente, estava muito animado: era a primeira vez que viajaria com os meus amigos! Antes de embarcarmos, fizemos check-in e, logo depois, seguimos para o avião.

Foi maravilhosa a sensação de sentar naquela poltrona. Após alguns minutos, o avião decolou e partimos. Estava no mais profundo sono, quando ouvi um barulho insistente, que me impedia de continuar a dormir. Quando abri os olhos, vi uma correria danada dos comissários, todos desesperados... o avião estava caindo!!

Passava a pouquíssimos metros da água, quando avistei uma ilha logo adiante. O piloto fazia de tudo para chegar até lá a salvo.

Todos estavam em choque no avião. Alguns rezavam, outros apertavam o cinto e colocavam a máscara de oxigênio. Havia muito tumulto e gritaria. Os comissários de bordo pediam calma (como se isso fosse possível diante de um problema tão surreal!) e tentavam ajudar os que estavam com maior dificuldade, enquanto eu tentava acreditar que tudo acabaria bem. Mas, de repente, as portas do



bagageiro começaram a se abrir e as bagagens de mão a cair, fazendo um barulho ensurdecedor. O pavor se espalhou por toda a tripulação e a gritaria foi uma só...

- NÃOOOO!! – gritei com todas as minhas forças.
- O que foi, menino?! – minha mãe disse assustada.
- Não estávamos em um avião?– perguntei ainda ofegante.
- Não, filho, foi apenas um sonho. Volte a dormir!

Dormir... dormir... Como? Após um pesadelo daqueles?! Fiquei feliz e triste. Feliz, por estar vivo; e triste, pois tudo não passara de um sonho e eu não havia viajado com os meus amigos.

Estudantes autores:

8º ano

Emilly Nunes da Silva, 13 anos  
 Flávio Iury Carvalho da Silva, 13 anos  
 Gabriel Cavalcante Soares, 12 anos  
 Melissa dos Santos Lima, 13 anos  
 Milena Peres da Silva Ferreira, 13 anos  
 Thayssa Keyse da Silva Gomes, 13 anos  
 Yan de Souza Lima, 13 anos

EMEF General Newton Reis

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários: Lucicleide Virgínio Freire Lima

Coordenador(a) das atividades de teatro: Miriam Satomi Irei Neiva

DRE: São Miguel

# Viagens

A maioria dos dias é cheia de tarefas, mas recebemos uma missão especial, que foi a de construir uma crônica coletiva sobre o tema que escolhemos: viagens.

Só para colocar as ideias em ordem, levamos dois dias!

Primeiro, reunimos relatos sobre o assunto: uns disseram que viajar é um dos maiores sonhos da vida, ir a locais jamais conhecidos, compartilhar de outras culturas, quando essas viagens são para outros estados ou outros países...

Iniciado o debate, a imaginação voou solta e todos queriam falar ao mesmo tempo:

- Explorar lugares diferentes...
- Sempre rola uma adrenalina, até em viagens curtas...



- Curtir férias com a família...
- Encontrar pessoas conhecidas que não vemos há muito tempo...
- E quando acontece alguma pane no veículo que está nos conduzindo?
- Uma vez o carro pifou, não teve jeito, tivemos que voltar e programar a viagem para outro dia...

– Emocionante mesmo é a primeira viagem de avião!

Tirando as viagens realizadas, curtas ou longas, nossa rotina é ir à escola, realizar as atividades, ficar em casa com nossos familiares, jogar videogame, ir a uma partida de futebol, aniversário de parentes e amigos, ou até dormir muito.

Momentos de prazer também são produzidos quando viajamos. Por isso, nossa expectativa é grande quando se aproxima um feriado prolongado ou nossas férias, pois viajar é crescimento, conhecimento e descoberta, renovando-nos e deixando sempre um gostinho de “quero mais”...

– Pronto! Agora já podemos escrever a nossa crônica!

E todos concordaram.

Estudantes autores:

6º ano

Beatriz Freire, 12 anos  
 Bruna Lopes Vieira, 11 anos  
 Everton D Ferreira, 11 anos  
 Gabriel Barbosa S Cabral, 13 anos  
 Gabriel Grangeiro, 13 anos  
 Larissa Alves Rissato, 12 anos  
 Larissa Coelho de Lamota, 11 anos  
 Luigi Alves Rissato, 12 anos  
 Marcelo Franciso, 12 anos  
 Maria Eduarda de Almeida, 12 anos  
 Mateus G.Mendes, 12 anos  
 Murilo L de Azevedo, 11 anos  
 Mariana Alves M Souza, 12 anos  
 Sophia Lima dos Santos, 11 anos

7º ano

Julia Moreira Gomes, 12 anos  
 Marcela Merck Vaz de Lima, 12 anos  
 Mariana Beatriz Fanini, 12 anos  
 Raissa França, 13 anos

8º ano

Polyana Frederico S Ortega, 13 anos  
 Sendy Coutinho T Faria, 13 anos

9º ano

Eduarda Fiumarelli Bernardes, 14 anos  
 Guilherme Alves Rafael, 13 anos  
 Kael Santos Almeida, 14 anos

EMEF Presidente João Pinheiro

AEL: Fernando Pessoa

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Marilena Alfano Teixeira Lima

DRE: Penha

# Viajamar

Lá estava eu, caminhando até à praia com minha família.

Paramos, colocamos a cadeira na areia e sentamos. Amava aquele ar puro, ficar livre de problemas, sentir o vento no rosto, dando a sensação de voar.

Levantei e fui com minha prima até ao mar.

Olhei para o horizonte e pensei no quanto sempre quis ver o que havia lá, mas não conseguia, jamais, avançar na água para além da altura dos meus joelhos.

Naquele dia, porém, venci o meu medo e, com a água já próxima ao meu rosto, tive a sensação de nadar até ao fundo do mar.

Na praia, o que eu mais gosto mesmo é de admirar o mar... Gosto, pelo fato de ele ser grande e, normalmente, possuir águas transparentes.

Lá, onde eu estava, tudo era calmo, e eu gosto dessa paz, para pensar sobre minha vida, com a qual nunca soube lidar.

A tranquilidade que o mar inspira sempre me convida a relaxar.

Gosto de ler em frente ao mar. O silêncio ao redor e, ao fundo, as ondas em movimento me dão a certeza de que ali é o meu lugar preferido.

#### Estudantes autores:

##### 6º ano

Ágatha Lucy Pinto, 11 anos

Maria Eduarda Moraes, 11 anos

##### 9º ano

Laura K Valentino, 14 anos

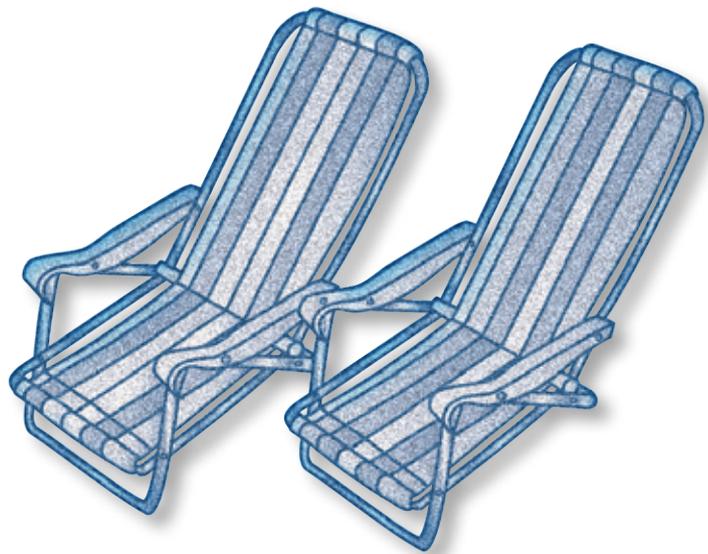
EMEF Barão de Mauá

AEL: Eva Furnari

Coordenador(a) de estudos literários: Patrícia da Silva Santos

Coordenador(a) das atividades de teatro: Maria Aparecida Pisani Montes

DRE: Penha





**Recreio**



# A história por trás de tudo

Do final do corredor, escutei meus “amigos” falando mal de mim, ao contrário de como agiam, quando estavam comigo. Isso me deixou muito triste, magoada, isolada, sem encontrar alguém para me ajudar ou tirar daquele sofrimento.

Dando uns passos à frente, eles perceberam a minha aproximação e não se importaram: em vez de se retratarem, continuaram com as ofensas, deixando-me cada vez mais retraída e cabisbaixa.

– Por que fazem isso comigo? Depois de dez anos de “amizade”? – é o que me pergunto.

– Ah! É só uma brincadeira, não leve para o coração – é o que me pedem.

Realmente, eu não queria levar nada para o coração. Não suportaria.

Mas, é na hora do intervalo que as emoções geralmente afloram e me pego chorando, sem perceber.

Aquelas mesmas pessoas que se diziam “amigas” são as que se aproximam de mim e, de novo, me fazem sofrer.

Deparando-me comigo mesma, resolvi viajar para outro lugar, diferente daquele onde eu estava: para um lugar frio, feio, de dor, de minha dor.

Neste breve instante de reflexão, revivi os piores momentos: amigos me abandonando, família desmoronando, e eu, sem ter a atenção de ninguém... Depressão, crises de ansiedade, tudo estava obscuro, sem saída...

E, de repente, sem que ninguém soubesse, sem que ninguém se importasse, sem que ninguém visse, tudo simplesmente passou. E só passou...

Acordei. Voltei para o “mundo real” e vi muitas pessoas ao meu redor, preocupadíssimas comigo ou, pelo menos, fingindo, assim como sempre fingiam sorrir para mim...

Queria “viajar” novamente... Como é ótima a sensação de ver as pessoas preocupadas, querendo saber como eu me sinto... Me sinto importante para o mundo.

Isso é um intervalo. Cheio de segredos, máscaras e sentimentos reprimidos. Sorrisos em vão, como um pedido de socorro embutido. Um momento de agonizar, refletir, viajar...

Agora estou só. Me afogo nas minhas lágrimas. Ainda me sinto triste, vazia... Mas, por fora, pareço alegre e otimista...

E, por trás de tudo, tem a minha história.

Estudantes autores:

8º ano

Alessandra Ferreira Viana, 13 anos  
Samuel Henrique de Souza Junho, 13 anos

9º ano

Gabrielle Aiko Brunelli Cuboia, 15 anos  
Maria Eduarda Soares da Silva, 14 anos  
Joyce Rodrigues Carreiro, 14 anos  
Geovanna Vitória Gomes da Silva, 14 anos

Rafael Kiyoshi Brunelli Cuboia, 13 anos  
Riquelme Lopes de Santana, 11 anos  
Eduardo Miguel de Oliveira Almeida, 14 anos  
Jhoelyn Sabine Pinto Dantas, 14 anos

EMEF Danylo José Fernandes

AEL: Walcyr Carrasco

Coordenador(a) de estudos literários: Gicélia Ferreira de Souza

Coordenador(a) das atividades de teatro: Guilherme Cunha de Carvalho

DRE: Itaquera





## Bate o sinal

– GALERINHA, É CEREAL COM IOGURTE! – ressoa pelo pátio da escola a voz de Dona Rita, a inspetora.

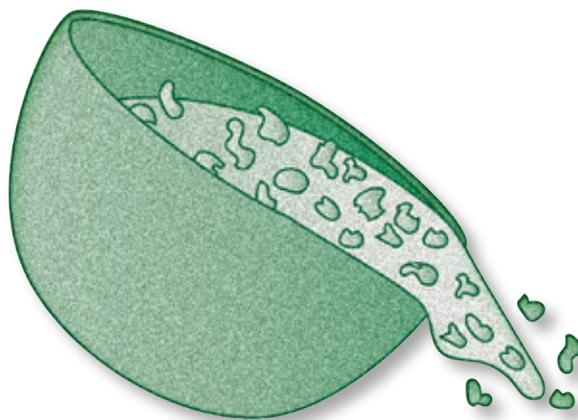
Léo, em meio à algazarra, depara-se com sua sentença de morte, ao tentar enfrentar a fila da merenda: um empurra-empurra aqui, outro acolá, e, em meio à confusão, Léo se dá conta que está no final da fila, mais uma vez, sozinho.

Sozinho?! Não! ELA estava lá: Bel, a aluna nova, a dona do mais doce sorriso e do crespão mais perfumado...

Finalmente, chegou a vez de Léo receber a merenda. Só faltou pular de felicidade! Todo distraído, não vê um pé gigante posicionado, de propósito, para derrubá-lo. Tentando salvar-se e à sua merenda, cambaleando, percebe-se apoiado em Bel, mas o inesperado acontece: o pote voa direto nos cabelos recém-escovados da diretora, que passava por ali, justamente naquela hora!

Silêncio geral. Dona Rita corre para socorrer a diretora. Assustado, Léo permanece no chão.

Enquanto todos observam sem manifestar qualquer reação, o toque da mão de Bel na sua, oferecendo-lhe ajuda para levantar-se, fez o pesadelo transformar-se em sonho: estava ao lado da menina de sorriso mais doce e do crespão mais



perfumado e que, gentilmente, ainda dividia com ele o seu potinho de sucrilhos com Danone... Que cena! O melhor recreio de todos!

Porém, o sinal tocou e a voz da inspetora novamente ressoou pelo pátio, trazendo de volta a realidade:

– FIM DO RECREIO! SUBAM TODOS PARA A SALA DE AULA! – e, voltando-se para Léo:

– Você fica!

Estudantes autores:

5º ano

Felipe de Almeida Crisostomo da Silva, 10 anos  
Kethellyn Silva Julio de Souza, 11 anos

6º ano

Adrieli Gonçalves de Souza, 12 anos  
Alicia Antonia de Araújo, 11 anos  
Ana Carolina Alfredo do Prado, 11 anos  
Caline Ferreira da Silva, 11 anos  
Evelyn Halana Lima de Andrade, 12 anos  
Isabely Loyola de Souza, 11 anos  
Jhennifer Chagsa Sancho, 11 anos  
Joelma Clementina da Silva, 11 anos  
Karoline Vitoria Gonçalo de Souza, 12 anos  
Pablo Henrique R da Silva, 11 anos

7º ano

Kamila Mendes da Silva, 12 anos  
Maria Eduarda Rodrigues de Souza, 13 anos

8º ano

Angelina Ysabell da S Francisco, 13 anos  
Cássia de Paula Alves da Rocha, 14 anos  
Cibele Passos da Silva, 14 anos  
Evelyn Silva Silva Julio de Souza, 13 anos

9º ano

Beatriz da Silva Sousa, 14 anos  
Gabriel Richard Sales Santos, 14 anos  
Igor Andrade Sales, 14 anos  
Leticia Rodrigues Honorato, 14 anos  
Lorena Catarina Santos Teixeira, 14 anos  
Luana Ribeiro Vila Nova, 15 anos  
Marina Ferreira de Souza, 14 anos  
Mayara Souza Lima, 14 anos  
Stephany Serafim da Silva, 14 anos  
Suellen Lima Duarte, 14 anos

EMEF Almirante Sylvio Heck

AEL: Sérgio Vaz

Coordenadores de estudos literários: Ana Paula Rodrigues de Carvalho e Poliana Taveira Trindade Menezes

Coordenadores das atividades de teatro: Ildeana Araújo e Natália Giro

DRE: Santo Amaro

# Dando uma de Platão

Você sente falta de quando era criança? Não ter responsabilidade, não pensar no futuro e ter como única preocupação saber se terá ou não gelatina na merenda? Que saudade!

Olho para o “povo do intervalo” e não entendo por que agora não pode ser mais “recreio”... dizem que é porque crescemos, que estamos mais “maduros”.

– Não é mais recreio, é intervalo... (como se fizesse alguma diferença!)

Mesmo tão nova, já percebo a diferença de quando eu era ainda mais nova, e nem faz tanto tempo assim! Olho os meninos jogando futebol, as pessoas conversando, discutindo, “jogando conversa fora”, coisas de adolescente.

Relembro a época do “recreio”, era muito mais divertido e contagiante do que esta época do “intervalo”. As crianças não ficavam em suas bolhas sociais, misturavam-se e brincavam entre si. As brigas eram ingênuas e fáceis de resolver:

– Você pegou o meu lanche, por quê?

– Não foi por mal... Comprei um pirulito pra você... Me perdoa?

– Perdoo.

Nossas brigas de hoje em dia também começam sem um motivo aparente, mas, às vezes, complicamos as coisas:

– Por que você está me olhando?

– Só estava olhando...

E aí começa uma briga que pode perdurar por meses...

Pensando mais profundamente, existem algumas vantagens (ou desvantagens) em crescer: adquirir autonomia é a principal delas.

Já temos certa habilidade em identificar se uma pessoa é confiável ou não. Já possuímos opinião própria (não que ela não possa ainda mudar) e o nosso senso crítico já nos tem ajudado em algumas situações.

Mesmo assim, dando uma de Platão, existe a crise existencial do intervalo... ou do recreio. Que *bad!*



Estudantes autores:

8º ano

Beatriz Cardoso da Costa, 14 anos

Júlia Rodrigues dos Santos, 13 anos

Rafaela Fabiana Freitas Lima, 13 anos

EMEF Prof. Primo Páscoli Melaré

AEL: Mário Quintana

Coordenador(a) de estudos literários: Jaqueline Vieira da Silva Boaretto

Coordenadoras das atividades de teatro: Jaqueline Vieira da Silva Boaretto e Mônica Figueiredo de Oliveira Chapekausko

DRE: Freguesia / Brasilândia

## Minutos preciosos

Finalmente, 10h00, bate o sinal para o recreio e, como somos os únicos alunos do sétimo, ficamos junto com os dos nonos anos.

Coloco meu fone de ouvido e começo a ouvir minha “playlist” do *YouTube*. Não tinha muito que fazer, além de ouvir música e ficar observando: gritarias, fofocas, pessoas cantando e algumas brigas.

A hora da merenda é como se fosse uma aventura.

De repente, os alunos começam a cantar. O motivo? Até hoje ninguém descobriu...

Entro no refeitório. Vejo os grupinhos organizados, sentindo-se livres para se permitirem quinze minutos de descanso. Ao terminar de comer, já devo estar na quarta canção. Saio do refeitório e vou andar um pouco.

Nessa escola, mesmo sendo o meu segundo ano aqui, consigo ver a felicidade que os estudantes transmitem neste período que temos: todos aproveitam para rir, cantar, ler, desenhar ou, até mesmo, só ficar na “sua”.

No geral, todos são um pouco “loucos” (se fossem quietos e calmos não seriam meus amigos). Cada um com o seu jeito de ser.

E agora? Olha o pessoal ali da minha sala, alguns conversando e outros rindo. Já notei que tem gente que canta e alguns olham estranho, com cara de deboche, como se eles se importassem. No recreio, eles só querem saber de rir, esquecer os problemas por alguns minutos e ser felizes. Ainda tem aqueles que estudam até no intervalo. Ai, ai, esse povo...

Sabe quando você está passando e se depara com brigas sem motivo, como: “Ei, por que você me empurrou?”, “Falei com você.,” “Por que você está gritando comigo?”, não precisa se preocupar, é normal.

Hum, eu ouvindo música, às vezes, sinto-me em um clipe de vídeo: o vídeo em si são todos ao meu redor e o áudio são todas as melodias que ouço...

“Trim”! Nossa, olha só a hora, já bateu o sinal, quinze minutos passam rápido. Qual será a próxima aula?

Aposto que amanhã será como sempre...

Estudantes autores:

7º ano

Ana Júlia Novaes Barbosa, 12 anos  
Emily Kauani Tavares Coutinho Ramos, 12 anos  
Fernanda Nunes Deodato, 12 anos  
Johnny Dias Mathias Júnior, 12 anos  
Michely Noélia Carvajal Farfan, 12 anos  
Nicole Elisabet Oliveira Cejas, 12 anos  
Renan Souza Silva Aragão, 12 anos

CEU EMEF Feitiço da Vila

AEL: João Cabral de Melo Neto

Coordenador(a) de estudos literários: Márcia Rodrigues de Oliveira Santos

Coordenador(a) das atividades de teatro: Rute da Penha Cota Salviano

DRE: Campo Limpo

## □ recreio dançante

Uuuuuuuuuuu!!!! Aquele barulho irritante novamente, os adolescentes correndo pela escola, em direção ao pátio, no intervalo. Os mais apressados já disputavam um lugar na fila da merenda.

Parecia um dia comum no Sud Mennucci, mas, como era a última sexta-feira do mês, de repente, começou a tocar música e os alunos resolveram dançar. Alguns, mais tímidos, preferiram apenas curtir o som. Olhei para um lado, alguns grupos dançando; do outro, uma batalha de rap, enquanto a maioria comia.

– Misericórdia! Quero ir embora! Nem queria ter vindo! Por que eu vim?! – falei entediado.

– Você precisa garantir o seu futuro e também porque a sua mãe o obrigou! – Alertou a Raissa.

– Meu Deus! Daqui a pouco teremos prova de Matemática! – Lembrou o Richard, deixando a todos mais nervosos e desesperados.

Do nada, a Ana nos chamou:

– E aí, cambada! Bora deixar esse tédio de lado e se jogar na pista?!

A princípio, fiquei resistente, pois só pensava na prova que viria e também não estava a fim de dançar, ah nem sei! Já o Richard foi o primeiro a correr e mandar uns passinhos igual a um doido. A Ana teve uma surpresa: o seu *crush* veio e a convidou para aproveitar a música, juntinho dele. Parecia viver um conto de fadas.

Enquanto o Richard se atrapalhou com os seus passos, a coordenadora chegou ao seu lado para imitá-lo. Ele ficou todo envergonhado e a deixou no vácuo. Morremos de rir!!!

*Siga em frente, olhe para o lado  
Se liga no mestiço na batida do cavaco  
Siga em frente, olhe para o lado,  
Se liga no mestiço na batida do cavaco...*

Nesse momento, todos começaram a dançar a coreografia da música: alunos, inspetores, a turma da limpeza – todos, numa sincronia incrível – menos a Ana, para quem a música agitada parecia ter se tornado uma valsa lenta, pois ela, como hipnotizada, não tirava os olhos do seu *crush* e não via mais nada.

O sinal tocou de novo, trazendo de volta a realidade: o mundo de fascinação da Ana chegou ao fim; Richard voltou a ficar preocupado com a prova; Nicole e os demais amantes da merenda tiveram de parar de comer, e todos, por fim, voltaram para a sala de aula, mais felizes.

Apesar de todos os dias parecerem iguais, na rotina da escola, percebi que apenas vinte minutos com os amigos e uma boa música podem melhorar muito o nosso dia!

– Que intervalo maneiro!

Estudantes autores:

3º ano

Danilo Gonçalves Assunção, 8 anos

5º ano

Beatriz Soares de Souza, 10 anos

Gabriela da Silva Fernandes, 10 anos

Victor Samuel Luiz de Souza, 10 anos

6º ano

Danilo Alves Carvalho, 12 anos

Francielly Silva de Souza, 11 anos

Giovanna de Queiroz Moura, 12 anos

Maria Luízy da Silva Tom Jhon, 11 anos

Nathaly Evangelista Cavalcante, 11 anos

7º ano

Nicole da Silva Sampaio, 13 anos

Richard Pereira, 12 anos

Vinícius Veríssimo de Santana, 12 anos

8º ano

Natacha Mateus Miguel, 13 anos

9º ano

Ágata Rodrigues da Silva, 14 anos

Ana Carolina Romão de Souza, 14 anos

Geovanna Carolina de O Alves, 14 anos

Isabella Valeria Liberal de Jesus, 14 anos

Isabella Yasmin A. de Souza, 14 anos

Priscila Moraes dos Santos, 15 anos

Raissa Mirelly Luiz de Souza, 14 anos

Sabriny Duarte da Conceição, 14 anos

Sarah Cristina Santos Souza, 14 anos

EMEF Sud Mennucci

AEL: Ruth Rocha

Coordenador(a) de estudos literários: Ricardo Teotônio Bezerra

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ivanira Gomes de Aquino Santos

DRE: São Miguel

## O último intervalo para o recreio

Uns chamam de intervalo e outros de recreio. Na verdade, não sei qual a diferença, mas percebo que até entre os professores há essa dúvida; então, se nem eles sabem, o que será de nós?

Alguns de nossos professores ficam na escola o dia todo; assim, se contarmos o tempo deles de estudantes, desde o ensino fundamental, contando o ensino médio e a faculdade, se nunca repetiram - acho que professor gosta tanto de estudar que nunca repetiu - então, devem dar uns quinze anos de escola, pelo menos. Minha mãe disse que minha professora já deu aula pra ela! Na época, ela estudava à noite e eu nem tinha nascido, e nem ela decidiu ainda se é intervalo ou recreio...

Este assunto deve ser mais um dos mistérios eternos da escola, como a lenda da loira do banheiro.

Recreio parece mais divertido e também mais infantil: “Crianças, agora é hora do recreio, vamos brincar”!

Intervalo parece coisa de adulto: “Um intervalo para o café”.

Recreio ou intervalo? Sou mais “os dois”.

Quando sou “recreio”, não quero nem comer para não perder tempo, quero mais é correr, brincar, esconder, jogar bola, rodopiar no bambolê, gritar e dançar.

Quando sou “intervalo”, gosto de ler na sala de leitura, mandar recadinho, ajudar a “prô”, ensaiar a coreografia do *Beyond The Scene* (BTS), usar um *short* da moda, conversar com os amigos que não estão mais na minha sala.

Minha escola tem música no intervalo, sempre tem colegas que ficam dançando, mas ainda tem quem brinca de polícia e ladrão, e esses, quase sempre, são advertidos pelas “tias”:

– Sem correr...

Às vezes param, às vezes não, dependendo do quanto estão entretidos com a brincadeira.

De vez em quando, gosto de ficar sozinho, mas bom mesmo é quando me convidam para participar da brincadeira, mesmo sem me conhecer. Já fiz muitas amizades assim, só de intervalo.

Recreio ou intervalo? Eu realmente não sei. Mas, o que eu quero mesmo é curtir cada momento, como se fosse o último intervalo para o recreio.

Estudantes autores:

4º ano

Ana Clara de Melo Almeida Mendes, 10 anos  
Daiane Barbosa de Cerqueira, 10 anos  
Raissa de Souza Alves, 9 anos

5º ano

Ana Beatriz Santos Toledo, 11 anos  
Ana Clara Brito da Silva, 11 anos  
Bianca Gomes Azevedo, 11 anos  
Bruna Gomes Azevedo, 11 anos  
Eloa Clementino de Sousa, 10 anos  
Fabyolla da Guia Mota da Silva, 10 anos  
Geovana Ferreira dos Santos, 11 anos  
Guilherme Augusto Santos Cannas, 11 anos  
Iara Oliveira Lemos, 10 anos

Isac Martins dos Santos, 10 anos  
João Victor da Silva Moreira, 11 anos  
João Victor Tenório Vieira, 10 anos  
Keylla Quezia Muriel Santos Silva, 10 anos  
Lahra Winny Barbosa de Brito, 11 anos  
Mariane Marques de Santana, 10 anos  
Murilo Oliveira Lima, 10 anos  
Rebeca Carolina Souza dos Santos, 11 anos

EMEF Liliane Verzini Silva

AEL: Carolina Maria de Jesus

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Denise Aparecida de Melo da Silva

DRE: Santo Amaro

## Os parças

Jorginho estava na escola, junto com seus amigos Beethoven, Tchaikovsky, Rato e Dilza.

Depois de uma reunião no sótão, resolveram ir para o recreio, para ver quem descobria qual seria a merenda do dia: bolacha ou iogurte. Uns gostavam mais da primeira opção; outros gostavam mais da segunda.

Há dias vinham se divertindo, tentando adivinhar a merenda do dia na escola.

A disputa seguia acirrada e personagens lendários, como Malévola, Elias (filho de Golias) e outros cinco, que conheciam pelos livros e pelos filmes, passaram a compor a equipe dos “sete guardiões” dos meninos no recreio.

Não demorou para que esses amigos ou inimigos imaginários fossem apelidados de “Parças”.



Demorou menos ainda para que os criativos estudantes começassem a inventar e a escrever histórias que, de certa forma, eram bem mais interessantes do que a antiga brincadeira, pois, eram lidas na hora do recreio e todos eles – os do lado da bolacha e os do lado do iogurte – davam muitas risadas, saboreando o gosto de uma aventura que mesclava fantasia e realidade.

Foi assim que uma simples brincadeira virou crônica e que os “Parças” se descobriram autores.

Estudantes autores:

9º ano

Diogo Dias Vidigal, 14 anos

Gustavo Bartolome Gomes, 14 anos

Thiago Antonio Streiling Rodrigues, 15 anos

EMEF Roquette Pinto

AEL: Ziraldo

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro: Kelly Avelino

DRE: Itaquera

## Que dia!

Era o meu primeiro dia de aula na escola nova.

– Levanta, menino, você vai se atrasar!

Levantei meio desgovernado:

– Escola nova! Só de lembrar já me dava um embrulho no estômago, um frio na barriga, um medo que não consigo explicar ao certo, só sei que não era uma sensação muito boa.

Saí de casa, ansioso, andei um pouco até o ponto de ônibus mais próximo, mas, quando cheguei, o ônibus estava partindo. Saí gritando feito um louco, acordando a vizinhança toda, mas todo esforço foi em vão, ele não parou. Sentei na calçada, e agora o que iria fazer? Se eu fosse pra casa, enfrentaria novamente a fúria da minha mãe, se esperasse o próximo ônibus, me atrasaria do mesmo jeito. Então, optei por caminhar até a escola, torcendo para não levar uma bronca daquelas...

Cheguei, cansado, suado, ofegante, terrivelmente exausto!

Perdido, procurando por minha sala, fiquei pensando na primeira impressão que teriam, vendo um menino todo suado, cansado e atrasado. O pior é que, no momento em que abriram a porta, eu estava pensando alto demais. Agora, além de suado, cansado e atrasado, também pensariam que eu era louco.

Ao me apresentar para o grupo, todo envergonhado, acabei tropeçando na minha própria mochila. Então, comecei a gaguejar como nunca e ninguém deve ter entendido absolutamente nada do que eu falei.

No intervalo, fiquei perambulando pelo pátio e alguns meninos vieram conversar comigo.

– Ufa! Pelo menos acabei fazendo alguns amigos...

Um deles me mostrou o refeitório. Naquele momento, eu estava mesmo era com muita fome, não tinha tomado café direito.

Quanta gente! Que aventura!

Depois do intervalo, o restante das aulas transcorreu de forma mais tranquila. Até que gostei dos novos amigos e da escola, mas o dia de hoje foi bem turbulento! Chegando em casa, fui surpreendido por uma pergunta:

- Como foi o seu primeiro dia, filho?
- Ah, não! Vou ter que lembrar de todo o sufoco de novo!...

Estudantes autores:

5º ano

Alan José de Freitas da Silva, 11 anos  
 Anderson de Jesus Paura, 11 anos  
 Beatriz Xavier de Melo, 11 anos  
 Camilly Vitória da Silva Granjeiro, 12 anos  
 Eloísa Ferreira Nogueira, 10 anos  
 Evelyn Gabriela da Silva Santos, 11 anos  
 Fernanda Barros, 11 anos  
 Flávia Alessandra da Silva Araújo, 12 anos  
 Geovana Rosângela Nascimento, 11 anos  
 Giovanna da Silva Araújo, 11 anos  
 Heloísa Martins Pereira da Silva, 11 anos  
 Hugo de Souza Santana, 11 anos  
 Jennifer Santana Sena, 11 anos  
 Junio Santos Silva, 11 anos  
 Maria Luísa Maciel de Freitas, 11 anos  
 Maria Paz de Oliveira, 11 anos  
 Mariana Santos de Campos, 11 anos  
 Rayna dos Anjos Alves, 11 anos  
 Rebeca da Hora Pólvora Leal, 12 anos  
 Rita de Cassia Santos Sousa, 10 anos  
 Samanta Silva Sampaio, 11 anos  
 Stefany Cristina da Silva Santos, 10 anos

Yasmin Cerqueira de Jesus, 11 anos  
 Yasmin dos Santos Maciel, 10 anos

6º ano

Álvaro de Araújo Nobre, 11 anos

7º ano

Emanuely Gomes Rodrigues, 12 anos

8º ano

Arielen Nascimento Queiroz, 13 anos  
 Henry Nunes de Moura, 14 anos  
 Isabella de Araújo Nobre, 14 anos  
 João Pedro Oliveira Freitas, 14 anos  
 Joice Cardosino da Cruz, 14 anos  
 Raissa de Souza Dedé, 13 anos  
 Samuel Rodrigues da Silva, 13 anos  
 Weverton Ferreira dos Santos, 14 anos

9º ano

Ângelo Souza de Lima, 14 anos  
 Bruno Calisto Portugal, 15 anos

EMEF Levy de Azevedo Sodré

AEL: Zivaldo

Coordenador(a) de estudos literários: Sonia Aparecida Augusta Rodrigues

Coordenador(a) das atividades de teatro: Jéssica Alves Benedito

DRE: Campo Limpo

# Quem vive conta

Lembrar-se das brincadeiras, das quedas, dos micos e dos sustos, das risadas inconsequentes e das confidências trocadas na hora do recreio faz a gente pensar que a nossa infância vai durar para sempre.

Contar faz viver e quem vive conta.

Houve um dia, no recreio, em que deu tudo errado!

(“Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra...” lembrei-me, por um instante, de Carlos Drummond de Andrade)

Primeiro, caí num ralo. Toda ralada, não sabia se chorava mais de dor ou de vergonha, pois todos os “meus amigos” riam de mim, sem dó nem compaixão. Por sorte, tem sempre uma “amiga de verdade” que nos socorre nessas situações difíceis. Mas, ao passar com ela para o outro lado do pátio, onde alguns meninos jogavam futebol, pude perceber, num relance, que uma bola voava em minha direção! Não tive tempo de recuar e fui atingida bem na cabeça.

Parecia que quanto mais os minutos passavam, as coisas só pioravam... Que recreio!

O dia começou a ficar escuro e chuvoso, de repente. Ventava muito e todas as portas começaram a bater com força, ao mesmo tempo.

O cenário era de terror. Para piorar, acabou a luz.

Ninguém sabia o que estava acontecendo, só se ouviam gritos e mais gritos. Ficamos em choque, ninguém sabia o que fazer diante de tudo aquilo. Crianças esbarravam-se na fuga e se protegiam como podiam, procurando os seus professores. E eles tentavam nos acalmar.

Bateu o sinal.

Finalmente, tinha terminado o recreio.

– Onde estaria Marcelo? Teria saído ileso da confusão?

Encontrei-o subindo as escadas, branco de pavor, ainda. Nossos olhares se encontraram.

Subimos juntos.

Não existe história de juventude nem história de recreio sem cena de amor.

## Estudantes autores:

## 4º ano

Heloisa da Silva Gomes, 9 anos  
 Kimberly Cardin Mafra da Silva, 9 anos  
 Lais de Souza dos Santos, 9 anos  
 Luhara Sodre Rocha, 9 anos  
 Raissa Isabele de Souza carvalho, 9 anos  
 Richard das Neves Talla, 9 anos

## 5º ano

Agatha dos Anjos Silva, 10 anos  
 Camila Tebaldi Santana de Oliveira, 10 anos  
 Caroline Ayumi Kikugawa, 10 anos  
 Flavia Meireles Ferreira, 10 anos  
 Jennifer Goncalves Araujo, 10 anos  
 Julia de Sousa Santos, 10 anos  
 Karen de Alcantara Ferreira, 10 anos  
 Karolyne dos Santos Guimarães, 10 anos  
 Marcella Vitoria de Oliveira Cerdeira, 10 anos  
 Maria Eduarda Moura da Silva, 10 anos  
 Maria Eduarda Sousa Silva, 10 anos  
 Maria Luiza Soares de Araujo, 10 anos  
 Micaella dos Reis Sodre da Silva, 10 anos  
 Murilo Rodrigues de Sousa, 10 anos  
 Naua de Oliveira Freitas, 10 anos  
 Pedro Domingues Delfino Silva, 10 anos

## 6º ano

Anna Luiza Guedes, 11 anos  
 Camilly Bolis Costa, 12 anos  
 Elisa da Silva Borges, 11 anos  
 Gustavo Borges da Silva, 11 anos

Júlia Villani Schuwvanbarck de Souza, 11 anos  
 Letícia Santos de Oliveira, 11 anos  
 Lorena Apolônio França, 12 anos  
 Maria Eduarda Soares de Araújo, 12 anos  
 Nadja Cristina Moreira, 11 anos

## 7º ano

Ana Luiza Oliveira, 13 anos  
 Caine Rodrigo Sodré Rocha, 12 anos  
 João Victor Tebaldi de Oliveira, 13 anos  
 Karolina Souza Silva, 13 anos  
 Mariana Domingues Delfino Silva, 13 anos  
 Pedro Henrique Oliveira dos Santos, 13 anos  
 Selena Causso Santanna da Silva, 12 anos

## 8º ano

Ana Flávia Silva, 13 anos  
 Kethelyn Laura de Campos, 13 anos  
 Laís Cardoso de Andrade, 13 anos  
 Monik Rafaela Anselmo Rodrigues, 13 anos  
 Rayane Oliveira Celestino, 13 anos  
 Ryan da Silva Gomes, 13 anos  
 Thayná Graciosa Moreira, 13 anos  
 Yasmin Hillary Couto Cavalcante, 13 anos

EMEF João XXIII

AEL: Carolina Maria de Jesus

Coordenador(a) de estudos literários: Sílvia Martins

Coordenadores das atividades de teatro: Wilton Carolos Amorin Rezende e  
 Márcio Greick Souza Oliveira

DRE: Butantã

## Sem perder o rebolado

Gabi é uma menina sensata. Nunca se deixou levar por falsas amizades ou esperanças perdidas, mas, numa segunda-feira, dessas com cara de sexta-feira 13, ela se viu em apuros.

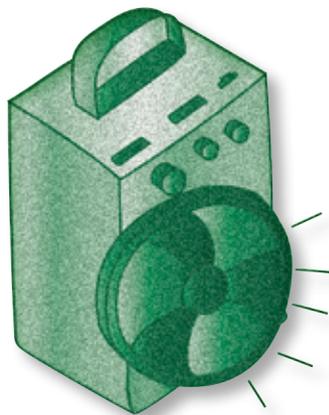
Todo dia, no recreio, tem alguém que leva a caixinha de som mais potente, junta uma galera em torno do aparelho e o pátio vira uma pista de dança.

Bateu o sinal para o intervalo e todos foram para o cantinho da dança. Primeiro, chegaram as meninas do sétimo ano, depois as dos oitavos e nonos.

Como sempre, Gabi estava se achando a rainha da pista, até que troçou em um buraco e caiu.

– Meninas, parem de rir e me ajudem! Acho que torci o tornozelo...

– “Meu”, ajuda a menina. Ela se machucou. – gritou Rafa, que viu tudo da janela do andar superior.



– Ah, eu não! Ela é muito arrogante! – disse uma garota da sua turma.

– Eu também não ajudo, não. Eu quero é comer o meu lanche! – disse Pedro.

Então, chegou uma menina, do sexto ano, a menorzinha do grupo, mas com um coração gigante, que a ajudou levantar-se.

Nesse momento, passou um filme por sua cabeça: teria sido mesmo arrogante? Por que lhe negariam ajuda, já que, afinal, ela tinha “supostamente” se machucado?

– Nossa, valeu! – agradeceu, emocionada. E foi se levantando, com calma, mancando ainda, e sem perder o rebolado.

#### Estudantes autores:

##### 5º ano

Alice Santiago de Mello, 10 anos  
 Beatriz Delmondez Vilela, 10 anos  
 Hemilly Vitória Bomfim Oliveira, 11 anos  
 Isabelle Bento Passos, 10 anos  
 Laura Braga Billafranca, 10 anos  
 Manuela de Siqueira Adan, 10 anos  
 Marina Mathias Carvalho, 10 anos  
 Pedro Braga Billafranca, 10 anos  
 Thayná de Oliveira Trindade, 10 anos  
 Yasmin Gomes de Lima, 10 anos

##### 6º ano

Caio Vinícius Carvalho Parrela de Oliva, 11 anos  
 Camilla Vitória Francisco Carvalho, 12 anos  
 Emanoelly Cristhiny de Souza, 11 anos  
 Gabriel Marques Oliveira, 11 anos  
 Isabelly Costa Conrado da Silva, 11 anos  
 Kamilly Vitória Alves Oliveira, 11 anos

Luiza Raquel Gomes Dlin, 11 anos  
 Manoela Pequeno Oliveira, 12 anos  
 Miguel Kenzo Tanaka Santos, 11 anos  
 Sabrina Cardoso de Moraes, 11 anos

##### 7º ano

Sarah Marques de Barros Andrade, 12 anos  
 Sofia Braga Billafranca, 12 anos  
 Sophia Yumi Tanaka Santos, 12 anos  
 Thaís Lopes dos Santos, 12 anos  
 Yasmin de Castro Cardoso, 12 anos

##### 8º ano

Giovanna Marques de Barros Andrade, 13 anos

EMEF Teófilo Benedito Ottoni

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários: Gislane Rosa dos Santos

Coordenador(a) das atividades de teatro: Ana Cláudia Rittner Manzati

DRE: Butantã

# Um recreio muito barra

Após a aula de Educação Física, Gustavo, feito um pimentão, foi direto para o recreio, para brincar, todo animado.

Não gostou do lanche, “bisnaga com manteiga”, não era dos seus preferidos, mas comeu mesmo assim, pra não fazer desfeita à tia Jane.

“Nossa, como passa rápido o recreio!” – ele sempre reclamava -, e lá foi ele esperar pela professora, na fila do quinto ano.

De costas, não percebeu uma barra de ferro que se aproximava dele e que acabou por atingir a sua cabeça, provocando uma dor cortante.

Corre-corre e gritaria na escola, os inspetores ajudando no que podiam.

O menino sangrava muito.

Como morava perto, sua mãe logo chegou, e a professora Cláudia os acompanhou até o pronto socorro.

Exames, pontos, remédios e uma angústia interminável, até se confirmar que o acidente do recreio não tinha deixado sequela mais grave, além de dores e cicatrizes.

Mas o que mais doeu mesmo para o menino foi depois saber que quem tinha batido nele com a barra de ferro, involuntariamente, tinha sido justamente um amigo, depois de fazer uma aposta inconsequente com outro menino, do sétimo ano.

## Estudantes autores:

### 6º ano

João Pedro Torres França Horta Oliveira, 11 anos

Fernanda Gabriely Pongeluppi, 11 anos

Núbia Monik Machado Vital, 11 anos

### 7º ano

Victor Velozo, 12 anos

### 8º ano

Fernando Angelis de Souza, 13 anos

João Pedro Albuquerque Crussi, 13 anos

### 9º ano

Esther Rodrigues Carvalho, 14 anos

Matheus Ferreira, 14 anos

Pablo Ricardo da Silva, 14 anos

EMEF Firmino Tibúrcio da Costa

AEL: Vinicius de Moraes

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Paula Gardenia Lucena Gallego

DRE: Penha



**Outras  
crônicas para  
encantar,  
entretêr e  
refletir**



# Brasileiros (des)conhecidos

7 horas da manhã! Horário comum de trabalho para os moradores de São Paulo!

Saio de casa para pegar primeiro o trem, e depois, o ônibus, Mariane vai de carro e pega um trânsito enorme; Jorge pega o metrô e faz várias baldeações; e Carlos vai fazer uso de apenas um trem para chegar ao seu destino.

No trem, vários tipos de pessoas, indo e voltando, muitos são trabalhadores procurando por emprego e que, para sobreviverem, vendem de tudo: comida, fones, capa para celular e água; às vezes; a criatividade precisa ir além, para garantir o sustento.

No ônibus, pessoas cedendo lugar para os que necessitam; já outras, fazendo cara feia para idosos e grávidas que, provavelmente, se submetem ao transporte caótico, em busca de atendimento médico. Muitos conversam, outros preferem ficar isolados, escutando música em volume alto, ou dormindo.

No trem e no ônibus, pessoas que saem, que entram, histórias desconhecidas, destinos incertos como o meu. Todos aqueles que estão momentaneamente ao meu lado não sabem para onde vou ou pretendo ir. Talvez eu esteja apenas



vagando, para ouvir as histórias das pessoas, ou escutar suas músicas preferidas, reparando em suas faces.

Jorge, Carlos e Mariane estarão agora em outros lugares, tentando desvendar, como eu, os próprios sentimentos e histórias de brasileiros (des)conhecidos com quem também cruzaram no percurso.

Estudantes autores:

6º ano

Camila do Nascimento Ferreira, 11 anos

7º ano

Andrew Murilo Martiniano Antunes, 12 anos

8º ano

Luiza Bezerra Alves, 13 anos

Marcella Dias Petrini, 13 anos

Raissa Macias Piva, 13 anos

9º ano

Gabrielly K. dos Santyos Silva, 14 anos

Giovanna Eduarda MC de C Antonio, 14 anos

EMEF Barão de Mauá

AEL: Eva Furnari

Coordenador(a) de estudos literários: Regina Aparecida Fiuza

Coordenador(a) das atividades de teatro: Marcia Regina Olivo

DRE: Penha

# Cadeia alimentar

Dali só se ouvia o barulho ensurdecedor das rodas do trem. Não via a hora de sair daquele vão entre os vagões. Seu perseguidor deveria estar próximo, podia sentir...

Não era à toa que carregava o nome felino, com facilidade. Gato andava sobre os vagões. O roedor não deveria estar longe... O trem se deslocava com rapidez pela noite. Mas, para ele nem era fácil enxergar. Saltou para o próximo vagão. Sua presa estava mais perto agora; no ar o cheiro de frango ensopado.

Rato olhava pela janela suja e viu que as pessoas estavam jantando. Estava no vagão-restaurante. Se não estivesse em fuga, poderia jantar... Estava com tanta fome! Enquanto divagava, as nuvens saíram da frente da lua cheia e Rato viu a sombra do trem refletida na terra. Seu coração deu um salto: viu a silhueta do seu predador em cima daquele vagão! Por uma brecha na porta, espremeu-se e conseguiu entrar. Algumas pessoas o viram e se espantaram – uma mulher até gritou - mas logo voltaram a comer.

Mesmo com o barulho ritmado do trem, Gato distinguiu um grito. Certamente, era sinal da presença de sua presa. Com agilidade, debruçou-se na beirada do teto do vagão e olhou a fileira de janelas; boa parte delas estava aberta, por causa da noite abafada. Numa delas, um lugar vazio se revelou e era por ali que entraria!

Rato andava pelo corredor, atento a cada detalhe. Um ou outro passageiro o olhava pelo canto do olho, mas fingia não vê-lo, para não ter seu jantar incomodado. Afinal, tipos como ele eram comuns em vagões de segunda classe, como aquele. Finalmente, Rato avistou uma mesa vazia, poderia ficar oculto por ali. Apressou um pouco os passos e logo alcançou o lugar. Ajeitou-se e fechou os olhos por um instante, suspirando com o alívio de poder descansar. A brisa que entrava pela janela escancarada melhorava ainda mais a sensação. E aquele cheiro de frango!... Chegou a se esquecer de que estava sendo perseguido.

Sensível aos mínimos detalhes, Rato percebeu que, subitamente, a brisa fora interrompida. Abriu os olhos e sentiu um calafrio. Gato acabara de se postar bem à sua frente, entrando sem fazer barulho, pela janela. Seu coração acelerou: estava perdido!

– Mané Rato?!...

– P-Pedro Gato!?!... Não pode ser!

As palavras eram quase sussurradas. O espanto atingira a ambos. O silêncio durou por alguns segundos; olharam-se, paralisados. O primeiro a vencer o silêncio foi Gato:

- O que aconteceu com você, cara?!
- Aconteceu, ué!... É minha natureza... e, além do mais, a vida não foi boa pra mim”.
- Nem pra mim!... Crescemos juntos, lembra?
- Isso faz muitos anos!... Éramos crianças...

(Rato baixou o olhar, enquanto um garçom se aproximava)

... Pensei que você estivesse morto.

- Quase... Ainda tenho algumas vidas pra usar.

O garçom parou ao lado da mesa:

- Os senhores já estavam aqui?!

- Claro!”, bradou Rato ...

- ... Estamos há uma eternidade esperando atendimento! Vou reclamar pra companhia ferroviária. Primeiro os boatos de que há um ladrão à solta no trem, agora isso?!

Gato continha o riso, balançando a cabeça, inconformado com a cena.

Desconcertado e pigarreando, o garçom mudou de assunto:

- Vão querer o prato completo, senhores?

- Com tudo o que temos direito, por favor!... E rápido!

O som das conversas, talheres e das rodas do trem nos trilhos preencheram o silêncio que se abateu entre ambos, por longos minutos, até ser interrompido por Rato:

- Não imaginava que fosse você... Por que não escolheu outra carreira?

- Digo o mesmo! Não estaríamos nesta situação agora.

Os pratos de frango ensopado com legumes pousaram bem à frente de cada um. Rato comia com vontade e Gato o olhava sem acreditar:

- Você continua o mesmo dos tempos de escola...

Mané Rato, ainda mastigando, constatou com certa tranquilidade:

- Tenho que aproveitar!... Pode ser minha última refeição decente”. Limpou a boca com um guardanapo, numa elegância irônica, engoliu e olhou Gato bem nos olhos:

- Afinal, a comida na cadeia é horrível!
- Pedro Gato ficou sério, mas não desviou o olhar.
- Sabe que a próxima estação está cheia de policiais esperando por você, não sabe?
- Rato mastigava, apreciando o sabor. Parecia alheio, mas logo falou:
- Não será a primeira vez... Faço jus ao apelido que ganhamos no colégio! Vejo que você também, Pedro Gato!
  - Minhas habilidades são muito utilizadas pela polícia...
- Uma voz anunciou a parada na próxima estação para embarque e desembarque:
- Por que não usou suas habilidades pra fazer algo decente, como eu?
  - Perdeu um ótimo jantar!" - interrompeu Mané Rato, dando a última colherada,
  - Oportunidades, meu amigo, Sr. Pedro Gato, tudo é feito de oportunidades...
  - E escolhas, meu amigo, Sr. Mané Rato!
- O trem diminuiu a velocidade e, na curva, já se distinguiam as luzes da próxima estação.



Palitando os dentes, Rato provocou:

- Você também tem uma escolha agora, Gato! Eu já fiz a minha.
- Mas estou cumprindo ordens! - justifica-se.

– É mesmo?!... E seu papo de escolhas? – argumenta com esperteza.

Pedro Gato se calou e olhou a movimentação de alguns passageiros que desembarcariam. Mané Rato continuou sentado a sua frente, com um sorriso irônico:

– Um Gato cumprindo ordens!?!... Agora não está fazendo jus ao seu apelido.

Gato ficou pensativo, olhando pela janela as luzes da estação se aproximando rapidamente. Pôde distinguir a presença de seus colegas policiais a postos. Mané Rato se levantou e bateu no ombro de Pedro Gato.

O trem começava a parar.

– Vamos fazer o que sempre fizemos: seguir nossos instintos. Assim que são feitas nossas escolhas, não é mesmo? – deu uma piscadela para Pedro Gato e concluiu:

– Somos o que somos, é a nossa natureza – ajeitou as calças e a gola da jaqueta.

– Foi um prazer ter sua companhia! A gente se vê por aí!... – se misturou com os outros passageiros.

Pedro Gato se levantou e foi em direção a Mané Rato, no meio da movimentação confusa, de saída e entrada.

A perseguição recomeçava: Gato e Rato, Rato e Gato...

Estudantes autores:

5º ano

Isadora Nuvoli, 10 anos

Maria Clara Guedes Nobiglionne, 10 anos

8º ano

Gabriel Brito, 13 anos

9º ano

Gabrielle Riseti Brito, 14 anos

Larissa Szakacs, 14 anos

Matheus Santos de Oliveira, 14 anos

Natasha Lopes Dias, 14 anos

EMEF Guilherme de Almeida

AEL: Guilherme de Almeida

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Taís Freitas de Souza

DRE: Penha

## Combinação perfeita

Estava caminhando por mais de uma hora. Comecei a sentir sede e minha barriga também roncou. Puxei minha carteira do bolso e ela estava tão pobre quanto eu. Rasgada e com apenas alguns centavos. Olhei para os lados e, lá no fim da rua, avistei uma lanchonete simples, mas com uma placa tentadora: COXINHA DE CHOCOLATE.

Não pensei duas vezes e entrei no local. A fome era grande e, para completar, tinha coxinha de chocolate. Nunca ouvi falar. Adoro chocolate e adoro coxinha: combinação perfeita.

Sentei à mesa e logo veio o garçom com o cardápio.

- Bem-vindo à lanchonete “Delícia”, o que o senhor deseja?
- O que o senhor recomenda?
- Nossa nova criação, coxinha de chocolate.
- Pode trazer. E junto também traga um suco de laranja.

O garçom trouxe tudo. Comi e bebi com vontade! Mas logo fiquei pensando: como vou pagar?

Chamei o garçom.

- O senhor pode me dar a senha da internet?

Comecei a mexer no celular. Quem sabe, houvesse ainda algum saldo da minha mesada...

Não demorou muito, uma moça, que estava sentada de costas, do outro lado do salão, levantou-se e veio até mim, fazendo o maior escândalo:

- Seu safado! Pensou que eu não ia descobrir?
- Quem? Eu?
- Agora finge que não me conhece! Mentiroso!!!
- O que é isso? Pare de me bater, sua louca!

A moça me dava tapas sem parar e também gritava e chorava.

Eu não estava entendendo nada. Só sei que o garçom apareceu e, aos berros, mandou a gente sair.

Saí do lado dela, quietinho...

Quando a gente virou a esquina, nossos olhares se cruzaram. Ela, inexplicavelmente, parou de me agredir e de gritar. Sorrii, com malícia, e foi embora.

Entendi tudo, então.

Tinha sido um golpe para ludibriar o garçom.

Lamentei, porque a única coisa que tínhamos em comum era mesmo o gosto por coxinha com chocolate, a combinação perfeita.

**Estudantes autores:**

**4º ano**

Alicia Luana Ferreira Robillard, 10 anos

Kauê Jonathan Lopes de Jesus, 10 anos

Julia da Conceição, 10 anos

Júlio Souza Felício, 10 anos

Luiz Henrique Moura Silva, 10 anos

Pedro Henrique Castro de Jesus Araújo, 10 anos

**5º ano**

Arthur Santiago de Oliveira, 10 anos

Anderson Rodrigues dos Santos, 10 anos

Carlos Alberto Vilela Mendes, 10 anos

Danielle de Jesus Santos, 10 anos

João Pedro Suguino de Almeida, 10 anos

Julia Zambotti Damiani, 10 anos

Miguel Araújo Santos, 11 anos

Nathally Ferreira da Conceição, 10 anos

Rayka Vilar Queiroz da Silva, 12 anos

Stefan Laganowski Valente da Silva, 10 anos

**6º ano**

Jennifer Rodrigues Duarte dos Santos, 12 anos

Lucca Alves dos Anjos, 10 anos

**8º ano**

Andreza Ferreira de Oliveira, 14 anos

Rayssa Vilar da Silva, 13 anos

EMEF Dr. José Dias da Silveira

AEL: Monteiro Lobato

Coordenadoras de estudos literários: Selma Pereira Lopes e Alline Soter Lacerda

Coordenadores das atividades teatrais: Teodora Maciel e João Rosalvo da Silva Junior

DRE: Butantã

# Decadência

Parei, por um minuto, para ouvir um som ao meu redor – algo que nunca tinha feito antes – o som da guerra, da tristeza, do orgulho e do ódio; um tipo de ruído absurdamente alto que eu ouvia todos os dias e não havia percebido antes.

Após essa experiência, entendi que a geração atual está perdida. A ganância e o egoísmo dominam cada rua, cada avenida, todas as casas. As pessoas não pensam mais no próximo, apenas nas coisas que lhes interessam.

No banco da praça, uma criança pede esmola. Chega até mim, com o olhar triste de quem está desamparada. Imediatamente, levanto-me do banco e começo a caminhar, incomodado, ignorando-a por completo.

(Havia tantas pessoas no parque; então, ela já deve ter conseguido algum dinheiro. E mesmo que não tenha conseguido, amanhã será outro dia. O dinheiro que trago no bolso, vou usar para comprar bebidas para a noite. Afinal, não é comigo mesmo... Então, está tudo bem.)

Estudantes autores:

9º ano

Bianca Alves de Oliveira, 14 anos

Laura Feraboli Torres, 13 anos

EMEF Lourenço Filho

AEL: Ilan Brenman

Coordenador(a) de estudos literários: Newci Sanches Prado

Coordenador(a) das atividades teatrais: Regimara Afonso de Oliveira Degilio Mufalo

DRE: Jaçanã / Tremembé

# Diferenças

O preconceito relacionado com a aparência é o mais comum. As pessoas apontam umas para as outras e as rotulam de gordo(a), magro(a), baixo(a), alto(a), negro(a), indiferentes ao sofrimento que estão causando. Olham-se ao espelho todos os dias, mas não querem falar ou pensar nos próprios defeitos, iludem-se e se julgam perfeitas, superiores. Humilham gratuitamente, sabem que humilham, mas não conseguem se colocar no lugar do outro.

Um dia, eu estava com minha amiga, que é negra e tem cabelos crespos. Por causa disso, ela confessou-me estar sofrendo bullying na escola, sendo vítima de constantes manifestações de racismo, por parte dos próprios colegas.

Decidimos ir para uma praça para conversar melhor sobre este assunto tão delicado, que acaba levando tantas pessoas a consequências muito graves, até ao suicídio.

No meio da conversa, nós estávamos falando justamente sobre maneiras de vencer o preconceito e, de repente, apareceu um grupinho de meninos, que começou a xingá-la de “cabelo duro”, “macaca” e outros nomes.

No mesmo instante, a fisionomia da minha amiga se modificou e ela afundou-se na tristeza, já não era mais a menina de antes.

Com muito custo, consegui convencê-la de que é bom ser diferente, de que as pessoas estão no mundo para se destacar, que etnias não são iguais, que têm traços diferentes e que, principalmente, diferenças de cultura, raça e crença tornam o mundo mais interessante e repleto de aprendizagem.

Felizmente, no dia seguinte, eu a encontrei sorridente, reanimada, quando me disse:

– Já tenho uma resposta para os racistas:

“Não ligo mais para a opinião de vocês”! O meu cabelo não é ruim! Ruim é o preconceito!” – e completou, recordando a canção *War*, de Bob Marley:

*Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra.*

Estudantes autores:

6º ano

Emily Cristina Ribeiro Ferreira, 11 anos  
Gabriely Nascimento Conceição, 12 anos  
Julianna Gabrielly Oliveira da Silva, 12 anos  
Matheus Prudêncio Santos, 12 anos  
Thomaz Wilson da Costa, 12 anos

7º ano

Edna Thauanny Almeida de Arruda, 12 anos  
Gabrielly dos Santos Camargo, 15 anos  
Kathelin Naiara Pereira da Silva, 14 anos  
Ketelin Alves Santa Rosa da Silva, 12 anos

8º ano

Esmeralda Pontes, 14 anos  
Isabel da Silva, 14 anos  
Kathelin Naiara Pereira da Silva, 14 anos  
Maysa Ferreira Rodrigues, 14 anos  
Nicolly Evelin dos Santos Souza, 14 anos

9º ano

Giovanna Vieira Esteves da Silva, 15 anos  
Gustavo Nascimento Marques, 15 anos

EMEF Fazenda da Juta

AEL: Cecília Meireles

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

DRE: São Mateus

## Labirinto de poeira

O que eu queria estar fazendo agora? Jogando, brincando, dormindo, comendo... No entanto, estou a caminho da biblioteca, para fazer um trabalho escolar, enquanto meus amigos, com certeza, estão se divertindo nesta tarde de sábado ensolarado.

Chegando à biblioteca, aquele clima calmo, quieto e sem graça já me fez ficar entediado. “Como podem pessoas, em sã consciência, perderem tempo em vir aqui, neste lugar sinistro, cheio de papel e pó?” – pensava, enquanto vasculhava as prateleiras.

Encontrei o que precisava – não me lembro do quê exatamente precisava – em um grosso volume, empoeirado. Enquanto o folheava, via apenas informações entediadas e nada que fizesse valer a pena o meu tempo perdido.

Enfim, parei de ler aquela aberração encadernada, me levantei e tentei escapar do labirinto de títulos e poeira.

Estranhamente, por mais que eu tentasse, não conseguia sair daquele lugar. Alguma coisa me prendia ali. Não queria mais ler aquele livro; então, só havia um jeito de passar o tempo e tentar me divertir.

Fui procurar algum livro sobre qualquer coisa interessante. Andei sem rumo por aquele labirinto, sem saber qual livro pegar. Para falar a verdade, eu queria mesmo era ir embora!

Comecei a ficar irritado, então, dei um soco em uma das prateleiras enormes daquela biblioteca. Alguns livros caíram, e um, em especial, chamou-me a atenção. Não era um livro de muitas páginas, com letras pequenas e de leitura entediante: era um livro colorido, que se destacava no meio de todos os outros. Peguei-o e voltei para a minha mesa. “As sete maravilhas do mundo” – esse era o título. Ao folheá-lo, logo me encantei. O livro mostrava as imagens e descrições de monumentos e lugares. Eu nunca tinha visto tanta coisa bonita junta em um só lugar!

De repente, sem me dar conta, eu estava no Coliseu, no meio de uma batalha sanguinária, onde todos gritavam o meu nome. Eu era o melhor gladiador de todos os tempos. Acontecia um festival em homenagem ao aniversário do Imperador, todos torciam pela minha vitória e eu estava bem confiante. Quando, enfim, faltava apenas um inimigo para ser vencido, senti uma sacudida leve em meu ombro:

– Acorda! Ei, garoto! A biblioteca já está fechando!

Voltei para casa sem o trabalho e levei uma baita bronca dos meus pais.

Na segunda-feira, entrando na escola, senti-me novamente no Coliseu e a conversa com a professora me fez lembrar da batalha de gladiadores...

Estudantes autores:

7ºano

Matheus do Nascimento de Souza, 12 anos

Wallafe Tomaz Rocha, 12 anos

Yasmin Caires Ribeiro, 12 anos

8º ano

Emilin Clares Quispe, 14 anos

Gabriel Henrique Coelho Caetan, 13 anos

Giulliano Concentino de Oliveira, 13 anos

João Pedro Portela de Oliveira, 13 anos

Marcos Wilson Andrade Antonio, 13 anos

Nicole Reis Aquino, 13 anos

Victor Souza Oliveira, 13 anos

9º ano

Ayhran Cristian Franco Silva, 14 anos

Pietro Stricagnolo Pexoto, 14 anos

Thiago Bispo Pereira da Silva, 14 anos

EMEF General Júlio Marcondes Salgado

AEL: Vinicius de Moraes

Coordenadoras de estudos literários: Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva e Cristiane Maria da Silva

Coordenador(a) das atividades teatrais: Daiane de Abreu Ribeiro

DRE: Jaçanã / Tremembé

## O garoto tipo

Em nossa turma, sempre acontece algo inesperado. Cada aluno parece um personagem tirado de uma história diferente, ora de comédia, ora de tragédia, mas sempre tem alguém revelando uma característica inusitada, como o “Garoto Tipo”.

Vocês devem estar pensando: “Mas o quê”? Ou melhor, quem será “esse tal de Garoto Tipo”?

O jeito mais fácil para vocês conhecerem “esse tal de Garoto Tipo” é mostrando uma situação que presenciamos, outro dia desses, em nossa sala.

Durante a aula, após a leitura coletiva de um texto, o professor, observando a expressão dos alunos, escolhe um deles, que lhe parece muito atento, e pede que ele comente o texto em voz alta.

O aluno levanta-se, desinibido, e começa a falar:

– Ahhh... É tipo assim, o menino sofre e... tipo... isso não é legal, mas tipo...

O professor o interrompe, com delicadeza:

– Ótimo! Mas, evite falar a palavra “tipo” a toda hora... veja se consegue expressar suas ideias sem falar “tipo... tipo...tipo...” – Tipo assim, entende?

Todos começam a rir, mas o professor não entende por quê. Fica esperando pelo silêncio e por uma reação do menino:

– Sabe o que é, professor?

– Hum... O que é? Isso! Vamos, tente... – o professor procura encorajar o garoto:

– É que eu não consigo... tipo...parar de falar “tipo”... Mas... tipo... me desculpa...

– Tipo... desculpo... (e tinha falado “tipo”, de novo, sem perceber...). Corrige rapidamente, para que a sala não perceba o seu deslize:

– Tente de novo... – insiste o professor

Nesse exato momento, o sinal toca.

O professor, visivelmente incomodado, despede-se da turma de um jeito “diferente” do que era o seu costume:

– Pessoal... tá na hora...tipo... do recreio... tipo...até a próxima aula...tipo... isso pega!!!!!!!!!!!!!!

...E saiu apressado...

Estudantes autores:

6º ano

Ana Luiza Monteiro da Cruz, 11 anos  
Carlos Eduardo de Oliveira Brito, 11 anos  
Eloá de Jesus Silva, 11 anos  
Giovanna Soares Ramos, 11 anos  
Iolanda Leal Pereira, 11 anos  
Isabelle Barbosa Martins, 11 anos  
Janete Dure Achucarro, 11 anos  
Jhonatan Ribeiro Moreira Cavalcante, 11 anos  
Jullya Alves de Andrade, 11 anos  
Kaique Rocha Brito da Silva, 11 anos  
Lucielly de Souza Simões, 11 anos  
Marcella de Andrader Mathias, 11 anos

Mickaella Almeida de Souza, 11 anos  
Nayara Santana Silva, 11 anos  
Nicolas de Oliveira Souza, 11 anos  
Raissa Fernanda Oliveira Machado, 11 anos  
Ryane Cosme de Souza, 11 anos

7º ano

Kaique de Lima Ferreira, 11 anos  
Marcia Beatriz Gonçalves Dutra, 12 anos

EMEF Luis Washington Vita

AEL: Cora Coralina

Coordenador(a) de estudos literários e das atividades de teatro:

Leon Pires CB Cordeiro

DRE: Penha

## Simplemente Bienal

Numa quinta de manhã, dia ensolarado, grupo da AEL reunido em frente à escola, nós nos preparávamos para ida a um grande evento literário; estávamos ansiosos para conhecer aqueles a quem tanto admiramos, amigos literários que nos inspiram e mudam nossas vidas a cada nova leitura.

No ônibus, bagunça, barulho, lanche, conversa jogada fora e um enorme entusiasmo, que dominava a todos. Após uma hora, chegamos ao destino desejado e logo fomos separados em pequenos grupos.

Fila, incontáveis livros, gente comendo, alunos por todos os lados, pessoas encantadas pela diversidade literária e, é claro, nos encantávamos com tudo.

Eu e minhas amigas Williany, May, Ceci e Paula já tínhamos preparado nosso roteiro; o que não esperávamos eram as surpresas que nos aguardavam.

Nossa primeira decepção: estávamos tão empolgadas à procura do estande da editora favorita, que não percebemos que já estávamos andando em círculo há mais de vinte minutos. Foi muito frustrante quando, no balcão de informações, descobrimos que, infelizmente, o estande da editora não estava expondo as obras na Bienal naquele ano.

Segunda decepção: fomos completamente ignoradas pelos funcionários dos estandes, ao perceber que não tínhamos dinheiro suficiente para comprar os livros que queríamos. Voltamos ao ponto de encontro e recebemos a notícia de que duas garotas de nossa escola haviam desaparecido. Williany aproveitou a situação e fugiu para comprar um sorvete, mas voltou sem ele porque se recusou a pagar mais de R\$10,00 por um simples picolé!

Terceira e última decepção: após encontrarmos as duas garotas desaparecidas, estávamos a caminho do ônibus, quando escutamos a voz de Thalita Rebouças e sentamos para ouvir um pouco de sua história – essa experiência foi maravilhosa!

No entanto, quando nossa professora Daniela tentou contato com a autora tão amada por mim, infelizmente o horário não nos permitiu esse acesso e voltamos para o ônibus, felizes pela nova experiência, mas decepcionadas pelo tempo ter nos devorado, quando ainda tínhamos tanto a descobrir.

Estudantes autores:

5º ano

Guilherme Artimundo Silva, 10 anos  
João Victor da Silva Sousa, 10 anos  
Karoliny Ferreira Santana, 10 anos

6º ano

Alessandra Ferreira de Oliveira, 10 anos  
Beatriz Sousa Oliveira, 11 anos  
Emily Santos de Moraes, 11 anos  
Gabriel de Almeida Santos, 11 anos  
João Vitor Gonçalves Ferreira, 11 anos  
Julia Isabely Almeida, 11 anos  
Larissa Rodrigues da Silva, 12 anos  
Maria Elisa Taborda de Melo, 11 anos

7º ano

Beatriz Sabino da Silva Santana, 13 anos

8º ano

Ana Julia Aruda do Prado, 13 anos  
Isabella de Jesus Gonçalves, 13 anos  
Julia da Costa Pereira, 13 anos  
Letícia Muniz M de Santana, 13 anos

EMEF Candido Portinari

AEL: Ziraldo

Coordenador(a) de estudos literários: Daniela Santos de Melo

Coordenador(a) das atividades teatrais: Cristiane da Silva Pereira

DRE: Pirituba / Jaraguá

## Coordenadores da AEL nas DREs

BUTANTÃ	<b>Tathiane Graziela Hamada Cipullo</b>
CAMPO LIMPO	<b>Cleomar de Souza Lima Elaine Silva Lacerda</b>
CAPELA DO SOCORRO	<b>Luciene Aparecida Grisolio Cioffi</b>
FREGUESIA BRASILÂNDIA	<b>Magali Galvão Almeida Roberto Antonio Maciel</b>
GUAIANASES	<b>Maria Inês Alves Pereira Rosana Soares Godinho</b>
IPIRANGA	<b>Francisco Fabiano Dantas Santos</b>
ITAQUERA	<b>Diogo Lázaro de Araújo Lúcia Ramalho Nunes Munis</b>
JAÇANÃ TREMembÉ	<b>Ivan Venturini</b>
PENHA	<b>Thalita Garcia Lopes</b>
PIRITUBA JARAGUÁ	<b>Patricia Zerino Aguilera</b>
SANTO AMARO	<b>Cláudia Gonçalves da Silva</b>
SÃO MATEUS	<b>Girséley Alexandre Gonçalves Sato</b>
SÃO MIGUEL	<b>Taciane Pereira Quadrado Lopes</b>





**CIDADE DE**  
**SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO